

ILUSTRAÇÃO

N.º 215 — 9.º ano





O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem
produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclare-
cimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de
estudo e de consulta que deve existir em
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O meu menino

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 LISBOA

USE O CREME

Rainha da Sungria

INDISPENSÁVEL PARA A BELEZA DA PELE



DÁ-LHE A FRECURA DA JUVENTUDE



M. CAMPOS
ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELLEZA

As edições da Livraria Bertrand encontram-se à venda na Minerva Central, Rua Consiglieri Pedroso Caixa Postal 212 Lourenço Marques

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada).....	30\$00 32\$40	60\$00 64\$80	120\$00 129\$60
Ultramar Português (Registada).....	—	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00
Espanha e suas colónias (Registada).....	—	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00
Brasil.....	—	67\$00 91\$00	134\$00 182\$00
Outros países (Registada).....	—	75\$00 99\$00	150\$00 198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

por A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acordo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTÁVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** - 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



O «ROUGE» FIEL AOS VOSSOS LÁBIOS



PRODUTOS DE BELEZA

RITZ

AGENTES: STETTEN & C.ª Lda - R. da Madalena, 119-2 - Lisboa

Depressões e todo o mal-estar físico tem uma cura simples. Dois comprimidos de Cafiaspirina restituem o bem-estar. São absolutamente inofensivos para o organismo.

Cafiaspirina

O PRODUTO  DE CONFIANÇA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

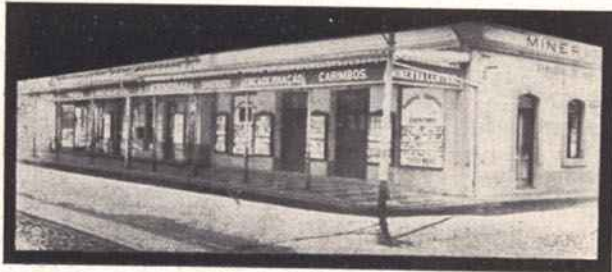
Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de **ESPAÑA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS**

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"** e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica. — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance — 308 págs., brochado...)	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado	12\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les Enfants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots — Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's Ladies Journal — The Lady Fashion Book — Die Dame, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O
ALMANAQUE BERTRAND

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em lingua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

Grande successo literário:

À VENDA O 5.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Génèbra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de saías — Eva standardizada — As sinistradas da beleza É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As : : : : : amigas do homem : : : : :

1 volume de 312 páginas, brochado ... **12\$00**
 encadernado... **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição, 1 vol enc 13\$00; br. 8\$00

Opinião do illustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na marcha da paisagem beiróa dada por largos valões, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanski) de cujo corpo parece exchar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre: os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós: romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sugecitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

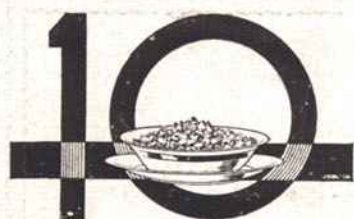
Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excellentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino / Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente illustrado, encadernado em percalina. 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA



Refeições saudáveis sem maçada

Não há tempo para preparar um pequeno almoço a correr?
 Não há paciência para preparar um lunch na cozinha?
 Que convirá dar às crianças ao deitar?

A resposta está num pacote de Corn Flakes KELLOGG'S.
 Ricos em energia e cheios de valor nutritivo.

Sirva KELLOGG'S directamente do pacote para o prato. Junte-lhes apenas um pouco de leite.

**Kellogg's
 CORN FLAKES**



A venda nos bons estabelecimentos — em pacotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:
FIGUEIRA & ALMEIDA
 Rua da Madalena, 88
 LISBOA

Grande sucesso literário

**A VENDA
 O 3.º MILHAR**

E A GUERRA

Diário da grande conflagração europeia

POR

AQUILINO RIBEIRO

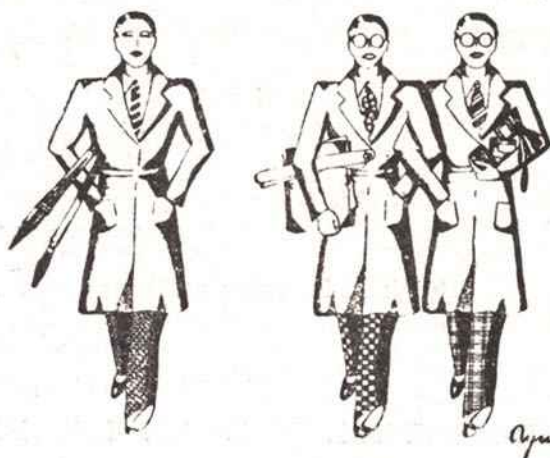
1 vol. de 304 págs., broc.
 12\$00
 encad. 17\$00

Pedidas à

Livraria Bertrand
 73, Rua Garrett, 75
 LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
 2 1368

**BERTRAND
 IRMÃOS, L.ª**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
 E FISIOTERAPICO DO ESTORIL**



**Banhos de agua fermal,
 Banhos de agua do mar
 quentes, BANHOS CAR-
 BO-GASOSOS, Duches,
 Irrigações, Pulverisa-
 ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
 Calor, Electricidade
 médica, Raios Ultra-
 violetas, DIATERMIA
 e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
 MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA

Telefone 2 2074

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de **MARCELINO MESQUITA**

5 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O sr. Conde de Penha Garcia realizou em Roma uma conferência subordinada ao título de Colónias Portuguesas em Africa.

Não fôra o tema escolhido, o facto constituiria um caso de intercâmbio cultural a todo o momento repetido e entrado nos costumes, a que se daria o valôr académico que merecesse, sem dúvida elevado, atendendo ao saber, inteligência e bom gosto do auctor.

Versasse apenas um ponto de direito, economia, ou finanças resultaria uma lição muito apreciavel no conceito e forma, coberta de aplausos pelos entendidos, registada na crónica das relações científicas, e nada mais.

Ora o caso tomou feição diversa do corrente nesse meio, justamente aquela que o transforma em acontecimento público, de interesse geral, portanto digno de mencionar entre os sucessos notaveis da quinzena.

A circunstância peculiar que distinguiu a conferência, foi a de apresentar ao auditório estranho a obra colonial portuguesa, tal como deve tornar-se conhecida dos que tendenciosamente fôram induzidos em erro e desorientados de todo o seu sentido real. É bem sabido que uma propaganda falaciosa, de procedência vária, se interessava em apoucar o nosso esforço, apresentando-o como impotente, daí propôr-se que nos exonerassem de gerir a extensa área do glôbo que o destino nos entregou. Afirmavam os empenhados na divulgação da mentira que não dispunhamos de capacidade demográfica, nem financeira, técnica, administrativa e política para levar a aproveitamento condigno o vasto território coberto pela nossa bandeira. E porque nunca soubemos opôr-lhe o testemunho de factos em abono do contrário, permitimos que, mercê de tamanho desleixo, a fábula corresse mundo e se infiltrasse no ânimo de povos colonialistas e mesmo no dos simples aspirantes a título dessa gravidade.

O sr. Conde de Penha Garcia em Roma que é tribuna em condições de imprimir ás vezes dilatado alcance, demonstrou com documentação apropriada que o mais antigo povo colonial, entre os actuais, soube pautar como convinha o seu procedimento; e que dentro de boa regra, deduzida de experiência, conduzida com fino promovera o que podia e devia ser executado. Provou que ninguém adiantaria mais nem melhor, uma vez que quizesse proceder com prudência e método aprendido em longa prática.

Não se improvisa a qualidade e o sentido de povo independente, e muito menos a de colonial, traduzida em 4.000 qui-

CRÓNICA DA QUINZENA

lómetros de caminhos de ferro e em 64.000 de estradas transitáveis. É de supôr que por semelhantes ou próximas palavras este teorema ficasse posto com toda a claresa.

E agora só ha a desejar que a lição se repita em outras línguas, que se lhe dê a amplitude necessária para ficar patente que na difícil matéria o português é mestre velho e não precisa instruções, conselhos, nem auxílios de ninguém.

Correm pouco propícios os fados aos reis sem trono, particularmente aos da península ibérica.

Um vive de esmolas, outro de bens adquiridos não se sabe como, um terceiro pretende viver de expedientes a começar pelo applicavel á justificação da sua pretensa realza. Dos três é mais estimavel o último pelo bem que faz ao baço com a acção desenvolvida através do mundo.

Um rei de Andorra não teria ocorrido ao mais engenhoso comediógrafo.

O facto nos prova que não há necessidade de sair de casa quando se queira tomar um desenfado. Basta ler o jornal para satisfazer a necessidade de cómico própria do homem e saciar a vontade de rir.

Em Braga assentou noutras eras a monarquia dos suevos. Foi ali a capital e residência da côrte. A dinastia desapareceu pela maneira singular e obscura que nas horas revoltas envolve as congéneres. Nada pois mais aceitavel do que existir um representante dessa velha estirpe real. Oferece-se esta mina aos dotados de temperamento imaginativo.

Não haverá quem queira habilitar-se a rei de Braga?

O fascismo acabou com os paúis pontinos que desde o tempo dos cesares empestavam a população e demonstravam o desmazelo dos governos de Roma. O salazarismo pretende acabar as obras de Santa Engrácia que há séculos se

apresentam como símbolo do desleixo nacional.

A diferença entre os dois consiste em que o italiano continha uma parte trágica que no nosso se consubstancia em cómico. O caso português é alegre. Esta síntese ou espelho do carácter occidental diverte, não prejudica; pode mesmo faser uma certa falta, pelo menos á composição literária que nem sempre dispõe de abundância de imagens.

Se as famosas obras acabassem aonde arranjariamos depois um modo conciso de exprimir o feito «amanhã se Deus quiser» que o destino nos deu? Não parece de bom aviso, ou pelo menos não é simpático à natureza do lisboeta separar-se de coisa a que tanto se afeiçoou e parece faser parte da sua fisionomia, andar-lhe metida na alma, ou no coração. Lisboa sem Santa Engrácia, sem as ruínas do Carmo, ou sem a travessa do Cotovelo não se entende, fica desconhecida, perde o sabor que estamos habituados a encontrar-lhe.

A não ser que esteja já fabricado um homem diferente do usado até 1930, com geitos e gostos, vista e ouvido adaptado a outra paisagem, parece preferível deixar estar o que está. O Estado Novo por muito boa vontade que lhe assista, ainda não conseguiu preparar esse «homo salazarianus» activo, ralado com a obrigação, desejoso de cumprir o seu dever.

Emquanto persistir o bôca-aberta, com o cós das calças a escorregar pelas trazeiras abaixo, sem telefone, acesso, ou comunicação para o interior, melhor será mão bulir com os préstimos a que o acostumaram.

Ora pode ser também que o acabamento do famoso templo com destino a panteão nacional venha a entrar no grupo das incontaveis obras de Santa Engrácia, tais como a ponte sôbre o Tejo, o Palácio da Justiça, o dos Correios, o Parque da Cidade, o Diabo a Quatro.

Prosegue a montagem do novo sistema político, modelo século xx que entra na linguagem comum com o título de corporativo. O que será ou não será em virtudes e defeitos há-de disê-lo a experiência depois de largo tempo de applicação. Por enquanto constitue projecto, ou programa de vida que ninguém pode prever como satisfará ás exigências da prática social.

Que o seu uso se apresenta de difícil manobra mostra-o o exemplo italiano que em oito anos de ensaios ainda não achou a técnica apropriada.



Retrato de D. Maria I existente no Ministério dos Negócios Estrangeiros

de elaborar a traça de um palácio que, em tudo, fôsse digno daquele soberbíssimo local e da sua muito amada Lisboa.

Assim foi e imediatamente cumprida essa vontade régia, pois que, pouco tempo depois, era presente à Rainha o bem elaborado projecto onde se debuxava um grandioso edificio de estilo neo-clássico, com quatro extensas fachadas dispostas em forma quadrangular, voltadas, cada uma, a um dos quatro ventos cardeais, formand-

QUANDO o terramoto de 1755 derrubou o magnificente Paço Real da Ribeira, mandou El-Rei D. José I, aconselhado pelos físicos da corte e pelo Brigadeiro-Mór, Manuel da Maia, construir sobre o eminente planalto da Ajuda, lugar extremamente salubre que esse cataclismo poupára, uma mui sump-tuosa barraca ou casa de campo régia, em madeira, para onde, depois de concluída, e abandonando as bellíssimas tendas que, para segurança das reais pessoas, tinham sido armadas nos deliciosos jardins do Palácio de Belem — em que então se achava veraneando ainda —, se transferiu com toda a sua família.

Tanto se afeição esse monarca, a estes amenos e alegres sitios, que mandou tornar mais habitável o improvisado palácio em pau e estuque que, tal como o seu Paço de Salvaterra, foi, até à sua morte, sua residência preferida, tendo-o sido também, de sua filha, a Princesa do Brasil, D. Maria Francisca, a qual, depois de proclamada Rainha, ainda aí viveu até que um pavoroso incêndio que completamente o destruiu, a obrigou a domiciliar-se na Casa do Infante de Queluz que, seu tio e marido, já tinha transferido na mais linda e galante vivenda de Portugal.

Enviuada de D. Pedro III, não podia resignar-se essa piedosa soberana a viver afastada daqueles desafogados sitios onde passára, feliz, a sua despreocupada mocidade, razão por que incumbiu o reputado architecto José da Costa e Silva, hábil delineador do Real Teatro de S. Carlos,

do-se, entre elas, no espaço central, dois vastos terreiros, com serventia por aparatosos vestíbulos colocados nos dois corpos principais opostos, e rematado, nos ângulos ou gavetos, por majestosos torreões decorados de harmoniosas balaustradas suportando marciais trofeus, e que eram sobrepujados por imponentíssimas cúpulas encimadas por elegantes lanternins.

Várias eventualidades concorreram para que, só passados alguns anos, e sendo D. João VI Regente do Reino, em nome de sua mãe, a Rainha D. Maria I — então desvariada de juízo, segundo diziam, por haverem sido decapitados em França, os seus infortunados parentes, Luiz XVI e Maria Antonieta — se lançasse, solenemente, a primeira pedra do Real Paço da Ajuda.

Apesar de a sua construção ter sido, successivamente, dirigida pelos architectos José da Costa, Francisco Fabri, Manuel Caetano e Francisco Rosa, nem a metade, sequer do assombroso edificio projectado, foi concluído; e, depois de D. Miguel I, à sua custa, ter dado grande impulso à execução dos trabalhos, mandando até colocar a maioria das estatuas nos nichos do seu vestíbulo da entrada principal, que passa por ser um dos mais belos átrios da Europa, e onde, então, já existiam as admiráveis estatuas esculpidas pelo grande Machado de Castro, simbolizando a Gratidão, o Conselho e a Generosidade — as quais, para nossa vergonha, se encontram mutiladas — depois dessa distanciada época, vamos dizendo, ninguém mais houve, que prosseguisse essa recommendada obra.

O AFORMOSEAMENTO DA NOSSA CAPITAL

A reconstrução do Palácio da Ajuda

Até mesmo depois, os seus brigantinos successores, nas próprias bochechas régias, se permitiram ofuscar-la com mactios vegetais e toda a casta de casebres e casarões, chegando-se até, ao cumulo de, junto a ela, deixarem derrocar a mais elegante torre sineira de todo o Patriarcado; e a paralisação total desses trabalhos, no momento histórico em que, D. Miguel, Rei de Portugal foi destronado por seu irmão D. Pedro, Imperador do Brasil, veio por assim dizer, fechar o ciclo notável em que tanto se estava enobrecendo a construção civil nacional, a qual, depois dessa data, abstractamente, se entretive, sem rei nem roque, a transformar extintos Conventos, em toda a casta de instalações do Estado.

Portanto, bem se andou agora, após uns cem anos de constitucionalismo, em fazer publicar uma portaria que, além de outras coisas, diz o seguinte: — «São bastante escassos os palácios nacionais que existem no País, e até mesmo Lisboa se não pode orgulhar de os possuir com o valor histórico ou architectónico que a capital merecia. É bem conhecido de todos o Palácio da Ajuda, vasta edificação, embora inacabada, que, iniciada no principio do século passado no sitio chamado Palácio Velho, domina pela sua posição magnifica toda a beira do Tejo e a vertente sul da cidade até Santos. A sua grandeza architectónica estão ligados factos do maior realce da História do Constitucionalismo. Conservá-lo como está seria prolongar o aspecto desagradável que oferece aos visitantes toda a ala voltada ao nascente que está em grande parte por construir. Por isso, manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministério das Obras Públicas, nomear o architecto Raúl Lino para elaborar o projecto de reconstrução do referido palácio, sem perder de vista as suas exigências construtivas, mas adentro do principio de rigorosa economia que domina toda a actividade do Estado».

Com o mesmíssimo propósito já dissemos há alguns anos: Propor-se o Paço da Ajuda, o primeiro edificio a dividir-se do alto mar, ao demandar o famoso Porto de Lisboa, e também aquele que, como o da Basílica da Estrêla, melhor corôa as eminências da cidade, para decoro da Nação, deveria êle ser todo fielmente concluído, o que aliás, bem poderia fazer-se, no caso de haver o bom criterio de, a isso se aplicar a verba que se destina, inglôriamente, à adaptação de velhos edificios em instalações do Estado; e, depois de isto alcançado, com o aprumo requerido, instale-se aí um grande Museu do Património Nacional, e a Biblioteca Pública e o Arquivo da Torre do Tombo — tão mal acomodados em escânos conventuais — deixando-se, bem entendido, intacta a parte existente do antigo Palácio Real que, com as suas decorações e preciosidades distribuídas pelas Salas do

Trono, da Aclamação, da Regência, e outras, constitui um dos mais apreciáveis repositórios de Arte do País.

Nada perderiam os artistas, os estudiosos e os investigadores com um tal afastamento! Nos tempos progressivos que atravessamos, não há longe nem perto nas grandes urbes. Os modernos processos de locomoção acelerada, permitem alcançar tôdas as distâncias rapidamente.

Pelo visto é chegado também o momento de, no alegrete central do jardim que venham a traçar no vasto largo fronteiro à fachada principal do palácio, se erguer o monumento a D. Maria I, que o sagaz intendente Pina Manique mandára executar em Roma, ao architecto italiano Gerardo Róssi e ao escultor português José de Aguiar, e, que, delapidado das quatro interessantes estatuas actualmente existentes na Avenida da Liberdade, se guarda no solitário Museu Arqueológico do Carmo.

Há sete anos, quando também sugerimos a sua colocação na via pública, disse um dos nossos mais distintos artistas, ter ficado radiante por haver achado uma pessoa que vindo ao encontro de uma aspiração sua, caso secundário, poderia tornar-se uma realidade a erecção do referido monumento, desejando, porém, frisar bem, que só o preocupavam intuitos de ordem artística, pois, como todos sabiam, a História apontava essa rainha como um simbolo de reaccionarismo jesuítico.

Foi então que, para desfazer êrros e esclarecer verdades, escrevemos aproximadamente o que se segue.

Estando o país a ser invadido por uma forte corrente nacionalista que, por sua vez, veio revigorar os organismos municipais, patriótico seria que o mau-senso e o absurdo, não encontrassem publicidade, a qual, neste caso, vindo envenenar espiritos suggestionáveis de gente nossa, tanto mal tem feito e poderá fazer, à Terra



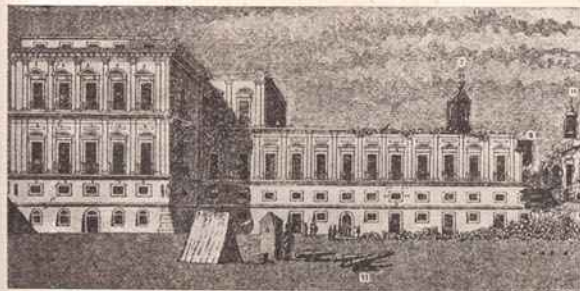
Portuguesa. O vendaval devastador, que o rubro triúmviro de Danton, Robespierre e Marat soprou de França, fez embriagar o cérebro de quasi todos os historiadores do século passado, não os deixando ver, através do espesso véu das paixões sectárias, as virtudes de muitas fronteiras coroadas da Europa, e é essa, a verdadeira razão que justifica vermos injustamente apoucada, nas páginas da nossa história, a figura da benemérita Senhora D. Maria I.

Beckford, illustre e opulento inglês que tanto frequentou a sua corte, por esta maneira a retratou e encareceu, nas suas célebres cartas sobre a viagem a Portugal: — «Ao ver a Rainha, as suas maneiras me fizeram impressão por serem características de majestade e agrado; parece nascida para governar, mas, ao mesmo tempo, para fazer aquela mesma autoridade mais querida que temida. A justiça e a clemência, mote ou divisa tão enormemente mal aplicada na bandeira da detestável inquisição, pode ser transferida, com a mais restricta verdade, para esta boa Princesa. Durante a fatal contenda entre a Inglaterra e as suas colónias, a prudente neutralidade em que ela perseverou, foi do mais vital beneficio para os seus domínios, e, até agora, o comércio nacional português, tem-se elevado sob os benignos auspícios da Rainha, a um grau de prosperidade que não o tem precedentes. Nada excede o profundo respeito e cortesia que a sua presença inspira».

Fabulam lendas mitológicas, que Semiramis, rainha dos impérios caldaicos, fôra glorificada pelo seu povo, por haver levantado, na assírica cidade de Babilonia, o templo de Belo, os cais do Eufrates, os palácios publicanos e os jardins suspensos, com os quais os babilônios deram ao mundo, a sétima maravilha.

Por idêntico motivo, é também aquela piedosa rainha portuguesa, crêdora da estima pública, por ser a soberana que ergueu as sacras joias da Estrela e da Bemposta; que ordenou a reconstrução dos templos, que seu pai, o Rei, D. José I, iniciára após o terremoto; que construiu muitas das mais lindas fontes da capital; que cedeu o terreno do picadeiro da Casa de Bragança, para nêle se edificar o Real Teatro de S. Carlos, e que, ao mesmo tempo de um magnifico jardim bolânico, mandou delinear o acima referido Paço da Ajuda que, caso agora seja concluído integralmente, passará a ser um dos mais grandiosos da Europa. Não ficarem por aqui as benemerências feitas à cidade por esta grande amiga de Lisboa, pois que, com a sua boa vontade e a orientação de hábeis ministros da escola de Pombal, fundou a Academia das Ciências, a Casa Pia, a Escola de Marinha e a Biblioteca Nacional, dotando-a, também com os primeiros serviços de policiamento e de iluminação pública que, até ao seu reinado, ainda não estavam regulados.

Assim, bem andaria a Mui Nobre e sempre Leal Cidade, «Empório do Mundo e Princesa do Mar Oceano», em mandar levantar o referido monumento — de clássico sabor grego —, como tributo de gratidão a tão Augusta Soberana, de quem esta capital tantos beneficios recebeu, e que, para orgulho nacional, repouso, em severo túmulo, na pomposa Basílica da Estrêla, que a sua devoção fez erigir na dominante colina de Buenos Aires, onde, lá no alto, com as suas tôrres e o seu simbório deslumbrantes, sob a égide do Sagrado Coração de Jesus, ficou, por Ela, a velar Lisboa.



Paço da Ribeira copia duma gravura da época: 1 — Grande sala que servia para os embalsamamentos; 2 — Biblioteca; 3 — Quarto do marquês de Abrantes; 4 — Janela por onde lançaram Miguel de Vas. encobido; 5 — Sala onde se armava a tribuna régia para os funções publicas; 6 — Porta da Índia; 7 — Torre do Relógio; 8 — arco que conduzia do Terreiro do Paço; 9 — Palácio do Conde da Ribeira; 10 — Torre da Freguesia de N. S.ª dos Mártires; 11 — Peças de artilharia com que se tentou deitar abaixo as ruínas

O palácio da Ajuda

D. Alice Ogando



D. Alice Ogando, a poetisa querida da «Chama Eterna» acaba de publicar mais um livro de versos deliciosos — «Marias da minha terra» — que nos prendem e nos encantam. Uma das poesias desta nova obra, sendo publicada na «Ilustração» arrancou lágrimas de saudade aos portugueses que se encontram nos confins do Novo Mundo e que nos escreveram salientando o seu carinho e a sua gratidão á inspirada escritora que tão bem soube auscultar a alma da nossa pátria. «Marias da minha terra» é o mais belo livro de D. Alice Ogando — a poetisa excelsa do Amor ardente e da Tristeza orgulhosa.

Alberto de Serpa



O poeta Alberto de Serpa publicou mais um livro de versos «Varanda» que «simples, sem o enfeite de rosas a abrir e a agradar aos olhos» é nele que o sonhador interroga o destino e acenta a esperança e do qual, segundo nos diz «avista tudo o que se não vê. Os poetas lembram lírios inocentes. Santa ingenuidade a sua... Ainda há lírios brancos pelo mundo...

O embelezamento do Parque Eduardo VII



Na escada principal do pavilhão das festas do Parque Eduardo VII vão ser colocadas duas estátuas representando a Ciência e a Arte, do ilustre escultor Raul Xavier. Cada uma tem 3,30 de altura.

FIGURAS E FACTOS

Homenagem a Plácido de Abreu



COMEMORANDO a data do aniversário do malogrado aviador Plácido de Abreu, os seus antigos condiscipulos do Colégio Militar, realizaram no dia 21 do mês findo diversas homenagens à sua memória. No claustro do Colégio foram descerradas pelo filhinho do saudoso aviador duas lápidas de homenagem a seu pai.

A cerimónia, que revestiu uma tocante simplicidade, terminou com o desfile em continência do batalhão de alunos pelo claustro em frente das lápidas ali colocadas.

Dr. Nuno Simões



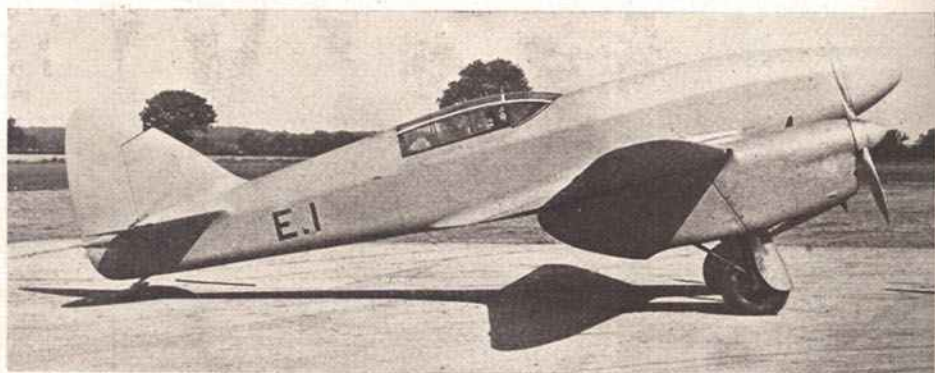
O dr. Nuno Simões, figura marcante da nossa Pátria, publicou mais um notável trabalho «O Brasil e a emigração portuguesa» que constituiu um magnífico estudo do qual todos temos a aprender. Convidado pela Casa do Minho, do Rio de Janeiro, o dr. Nuno Simões visitou o Brasil, e, neste livro, que trata da emigração portuguesa e do problema da sua navegação para as terras de Santa Cruz, salienta o ensino que teve para admirar a grande Nação de além-mar e o labor infatigável dos portugueses que nela vivem.

Augusto Ricardo



AUGUSTO RICARDO, poeta e jornalista brilhante acaba de fazer gemer os praios com um novo livro que intitulou «Motivos de teatro» e que despretenciosamente apresentou como apontamentos simples, rascunhados á pressa, entre uma notícia da rua e um artigo a concluir. Jornalista — e dos que valem — Augusto Ricardo publicou um livro, não só interessante e atraente, mas proveitoso e útil. Se o seu valor como poeta estava já sobrejamente demonstrado, a sua competência de crítico ficou provada neste novo livro.

Um «record» português de aviação



Os distintos pilotos portugueses, tenente Costa Macedo e Carlos Bleck projectam um audacioso vôo transoceânico que baterá todos os «records» existentes de ligações rápidas entre a Europa e a América do Sul. Tencionam ir de Lisboa ao Rio de Janeiro em menos de dois dias, utilizando o «Comet» que a nossa gravura apresenta. Não nos assombramos com tão ousada iniciativa, atendendo à coragem e à competência dos dois pilotos que a projectam. Além disso, são portugueses e como se sabe, um português vai sempre onde quere.

Dr. Carlos M. Cespedes



O dr. Carlos M. Cespedes, novo ministro de Cuba em Lisboa, que, pelo seu prestigio, foi encarregado pelo governo de Atenas de representar o seu país na Assembleia da Sociedade das Nações que vai realizar-se sobre o conflito do Chaco. É possível que, finalmente, termine essa horrorosa chacina que já dura há tantos meses, espalhando a morte e a destruição num encarniçamento sem proveito para qualquer dos contendores

Rodrigo de Melo



MAIS um poeta e mais um livro. «Seiva» é o titulo do elegante volume de versos que nos veio parar às mãos e no qual o seu autor, Rodrigo de Melo diz que sendo «dum simples colorido a nossa existência», propõe-se a «cantá-la no papel e a pôr em tinta o seu purido». Numa rápida leitura que fizemos, convencemo-nos de que o conseguimos inteiramente.

O FUTURO REI DA GRÉCIA

pode surgir do casamento da princesa Marina
com o príncipe Jorge de Inglaterra

O casamento da princesa Marina da Grécia com príncipe Jorge de Inglaterra tem um alto significado político de que poderá surgir a restauração da monarquia helénica.

Se dêste casamento nascer um filho, este será o futuro rei da Grécia.

Em boa verdade, o povo grego é estruturalmente monárquico, e só uma convulsão como a de 1914 conseguiria arrebatar-lhe o seu rei que continuava a ser um dos seus ídolos. Devemos ter em conta que o presidente do ministério da República da Grécia é o chefe do partido monárquico e que este partido é o maior de todos. Num momento de ansiedade, em que as paixões venizelistas se chocavam com outras paixões partidárias, Tsaldaris comprometeu-se a dirigir os destinos da República, embora não abdicasse das suas convicções monarquistas.

Aconselhou a todos o acatamento das leis básicas da Nação, pediu a todos os agrupamentos que sofressem as suas paixões em prol da Pátria, e, como incentivo, deu-lhes o seu próprio exemplo: servir a Terra Mãe, sacrificando-lhe as suas mais queridas ambições que eram, de resto, as da maioria da população helénica.

A monarquia grega há de ser restaurada. Disso não nos resta a menor dúvida.

Quem observar imparcialmente a retumbância do casamento da princesa Marina da Grécia com o quinto filho do rei de Inglaterra verificará que esta simpática cerimónia envolve alguma coisa mais do que a simples união legítima de dois príncipes que se amam na idade própria dos sonhos amorosos.

A chegada da princesa Marina a Londres, cinquenta nações correram a prestar-lhe homenagem. E, no entanto, aqui há meses ninguém tinha dado pela princesinha exilada e ignorada na sua casinha modesta de Paris.

A princesa Marina chegou a Londres. Desde a estação de Vitória ao palácio de Buckingham, alinharam-se milhares de pessoas que a aclamaram entusiasticamente, apesar da chuva impertinente que caía.

O casamento foi efectuado duas vezes, segundo os ritos da Igreja britânica e da Igreja ortodoxa grega. A princesa Marina prometeu, como tôdas as noivas reais britânicas, «amor, honra e obediência ao seu esposo».

Da Abadia de Westminster seguiram para a capela particular do palácio de Buckingham, onde a cerimónia grega foi celebrada pelo chefe da Igreja Ortodoxa Grega de Londres. A cerimónia compreendeu duas funções: a promessa ou troca de aneis, e a coroação com

as corôas míticas. Para a promessa, foram colocados dois aneis, um de ouro e outro de prata, sobre a Mesa Santa. Os noivos ajoelharam à entrada do santuário. O sacerdote foi, em seguida, ao seu encontro, entregando-lhes os círios acêsos. Depois benzeu os aneis, e, ditas as palavras do ritual, colocou-se o anel de ouro na mão do noivo, disse-lhe três vezes:

— «Os servos do Senhor casaram-se».

Para a coroação, levou os noivos com os círios acêsos até meio do santuário, onde se levantava o ambo ou altar.

Sobre o ambo estavam as corôas, de forma esférica, cobertas de pedras preciosas. Depois das orações do ritual, o sacerdote coroou os noivos dizendo:

— «Os servos do Senhor são coroados».

Seguidamente leu-lhes a Epistola do Evangelho. Foi então que os acólitos trouxeram a taça nupcial que o sacerdote benzeu e passou aos noivos para que bebessem, como símbolo da taça comum de que têm de participar durante toda a vida.

Terminada esta cerimónia, foi organizada a procissão nupcial em volta do altar. O sacerdote, precedendo os noivos, andando, porém, para trás, voltado para eles, ia-os envolvendo em nuvens de incenso.

Foi esta a cerimónia do casamento da princesa Marina de quem se espera o futuro rei da Grécia.

Que o califa Harun-al-Raschid se admirasse ao ver um octogenário plantar uma noqueira que só dali a largos anos daria fruto, bem estaria. Mas os tempos mudaram, e, hoje em dia, não

causará assombro que os sentença anos de Sua Magestade Britânica sintam o desejo de plantar uma noqueira no próprio local onde Minerva fez brotar uma oliveira.

Após a Grande Guerra, o mundo foi retalhado duma maneira cruel. A monarquia dualista de Francisco José de Habsburgo desfez-se como uma manta de trapos mal cerzidos. As ambições do tsar Fernando da Bulgária foram esmagadas por uma abdição dolorosa, e o sonho de Constantino da Grécia teve o mais cruel despertar.

Porque teria sido arrancada a corôa ao intrépido Nicolau do Montenegro que tanto se empenhou pela vitória dos Aliados?

O que será o futuro? Que novas surpresas nos reserva?

Não iremos consultar o oráculo de Delfos, mas ficamos com a convicção de que a divina Hellada há de voltar a ocupar o lugar glorioso a que tem direito como Mãe das Artes, das Letras e das Ciências, e como detentora da mais bela civilização que ainda houve no mundo.

Há muitos anos que a Penélope aguarda a chegada de Ulisses que muitos reputam morto e por isso desejam cubitosos a formosa viuva. Mais uma vez o engenho feminino urdirá a famosa teia, desfazendo durante a noite o trabalho feito durante o dia, para ganhar tempo. Não importa que os liços venham da britânica Manchester, o que é necessário é tecer uma túnica tão esplendorosa e magnífica que nem Pericles desdenharia de a envolver.

Um dia, quando Israel se debatia numa grande incerteza sob o jugo filisteu, apareceu um anjo à mulher de Manué que lhe anunciou: «Conceberás e darás à luz um filho que livrará Israel da mão dos seus inimigos».

A profecia cumpriu-se com o nascimento de Sansão que durante vinte anos foi o paladino excelso da independência da sua Pátria.



O príncipe Jorge e sua esposa, a princesa Marina

Ao lermos a "Marília de Dirceu," do melodioso poeta Tomaz António Gonzaga, idealizamos uma beleza encantadora, esplêndida, celestial. O apaixonado cantor, enlevado na formosura da sua amada, quer mostrar-nos o retrato que tenta fazer, apelando para toda a sua inspiração. O vate arvora-se em Rafael de Urbino e começa a esboçar na tela da sua imaginação as feições desta nova Fornarina. Eis as primeiras pincladas:

*«Os teus compridas cabelos,
que sôbre as costas ondeiam,
são que os de Apolo mais belos;
mas da negra côr não são.
Têm a côr da negra noite;
e com o branco do rosto
formam, Marília, um composto
da mais formosa união.»*

Não é bem aquilo que o poeta sente. Compõe novas côres na sua frágil paleta e invoca o caprichoso Eros:

*«Ai! socorre, Amor, socorre
ao mais grato empenho meu;
vôa sôbre os astros, vôa,
traze-me tintas do céu...»*

Mas o retrato feito não satisfaz o artista que, num grande desalento, geme:

*«Ai, Amor, que em vão socorres
ao mais grato empenho meu!...
.....
para pintar-lhe o retrato
nao bastam tintas do céu!»*

Marília de Dirceu, ou antes a sr.^a D. Maria Doroteia Joaquina de Seixas, não parecia tomar a sério a paixão do poeta que, apesar de ser vinte e cinco anos mais velho do que ela, lhe afirmava com a maior convicção:

*«Eu tenho um coração maior que o mundo!
Tu, formosa Marília, bem o sabes:
Um coração... e basta
Onde tu mesma cabes.»*

Marília não se comovia, apesar de toda a vastidão torácica do seu cantor, talvez o primeiro que, nas deliciosas paragens sul-americanas, tivera a visão dos arranhacéus através do rei das vísceras. Quando o poeta lhe propôs casamento, teve uma certa pena em lhe esmagar uma ilusão que, no fim de contas, a lisongeava. Evocava talvez a alegria de Beatriz ao ser cantada pelo divino Dante, e consentiu que o seu desventurado poeta andasse pelo Inferno à sua procura, embora ocultando o seu propósito de não lhe consentir nunca que a fôsse encontrar no Paraíso.

Limitou-se a acalantar-lhe uma esperança que nunca havia de ter realização.

Tomaz António Gonzaga, nascido na cidade do Pôrto, na rua dos Cobertos em Miragaia, e formado em direito, na Universidade de Coimbra, tinha seguido para o Brasil, pátria de seus pais, onde

O castigo da Marília de Dirceu

consequira destacar-se como Desembargador da Relação da Baía. A paixão do poeta não a amesquinhou, portanto... E, assim, aqueles amores iam seguindo, traduzidos apenas em sonoros versos.



Tomaz António Gonzaga

Um dia — em 23 de Maio de 1789 — Gonzaga foi preso como implicado numa conspiração contra o governo. Marília — temos a certeza — sentiu um grande alívio. Ficava livre do seu adorador que estava melhor para ocupar a dignidade de pai do que a de esposo. Condenado a degredo perpétuo para Angola, o pobre poeta para ali partiu, sendo-lhe pouco depois comutada a pena em dez anos de destêro para Moçambique.

A sua adorada Marília ficaria esperando em Vila Rica o regresso do apaixonado vate — pelo menos, êle assim o calculava, confiado numa permuta de constância que o seu coração ingênuo acalentara.

O poema que a celebrisara divulgava-se em sucessivas edições, tornando-a alvo de adoradores mais juvenis. Os anos foram passando. Expiada a pena, porque não regressou Gonzaga ao Rio de Janeiro? Constará-lhe talvez que a sua idolatrada Marília levava a sua ingratitude a esquecê-lo, casando com um rapaz cheio de vida e mocidade, embora despido de talento. Passara a chamar-se D. Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão.

Triste desmoronar dum lindo sonho! Gonzaga para ali ficou, curtindo as suas máguas, conversando com ingleses que já frequentavam Lourenço Marques e nos quais julgava vêr parentesco, atendendo à naturalidade de seu avô materno, John Clark, cidadão de Londres.

Adoeceu. Junto da sua cabeceira encontrou sempre a sr.^a D. Juliana de Sousa Mascarenhas, filha dum comerciante português. Após a convalescença, decidiu manifestar a sua gratidão, casando com

a desvelada enfermeira a cujos cuidados devia a vida. O seu coração sexagenário já não palpitava como outrora.

Os seus longos cabelos loiros estavam brancos de neve. Daí o seu lamento:

*«Já não cinjo de louro a minha testa,
Nem sonoras canções o deus me inspira...»*

Definhou-se e morreu roído de desgostos.

Entretanto, Marília de Dirceu continuava a viver completamente alheia a tais desventuras. Se lhe falassem do lindo poema de que fôra a inspiradora musa, teria respondido com o maior desdém:

— Ah! isso foi um livro que um velho apaixonado me dedicou há tempos. Os versos são muito lindos...

— Dignos da formosa dama a quem eram consagrados — ter-lhe-iam respondido.

E ela sorria, calando por calculada modestia o que a sua inconcebível vaidade lhe aconselhava que gritasse bem alto.

Era formosa, pois era.

Duro castigo lhe estava reservado. Os anos foram passando, passando, e, um dia, a encantadora Marília, mirando-se a um espelho, não se reconheceu. Estava velha, trôpega, coberta de rugas e achaques.

Na rua passavam frequentemente músicos ambulantes pedindo esmola e cantando os mais belos versos de Tomaz António Gonzaga:

*«Ai! Amor, em vão socorres
ao mais grato empenho meu;
para pintar-lhe o retrato
nao bastam tintas do céu!»*

Ai, não bastavam, não. Gastara toneladas de «cold-cream» e do branco de baleia muito usado nesse tempo, e tudo fôra em vão. Tinha 84 anos, bonita idade para se meditar um pouco nas coisas sérias da vida.

Lá, longe, muito longe, o único homem que a tinha amado sinceramente morrera sem os seus carinhos, murmurando talvez os versos que lhe fizera à despedida:

*«Mas quer, Marília, o meu destino ingrato
que lograr-te não possa, estando vendo
nest'alma o teu retrato...»*

Tinha decorrido sôbre tudo isto mais de meio século. A encanecida ingrata queimou todos os retratos acusadores da sua velhice, receosa talvez de que algum indiscreto lhe estampasse o mais decrépito numa futura edição da "Marília de Dirceu".

Dois castigos sofrera. O poeta sonhador estava bem vingado.

A BELEZA

E A SUA VARIADA CONCEPÇÃO

A beleza é uma coisa sugestiva. O que uns acham bonito outros acham feio. O que uns acham bom outros acham mau. Nunca se pode impôr uma opinião pessoal sôbre o que é belo.

Em Roma aconselhei a uma família brasileira recém-chegada, a visita aos vários museus do Vaticano, às galerias e salas de Rafael, à capela Sixtina, à galeria de escultura, à dos arrazes, aos apartamentos Borgia. De todas essas visitas regressavam frios e indiferentes. Nada os deslumbrava. Essas salas de Rafael que me tinham emocionado, onde eu estivera estática duas horas em frente da maravilha, que é a libertação de S. Pedro pelo anjo, em que três luzes distintas iluminam a parede sem se confundir, a luz que vem da janela, a da lanterna dos guardas e a luz sobrenatural que circunda o anjo, nada lhes dissera à sua sensibilidade demasiadamente modernista. Uma tarde chegaram ao "hall" do hotel entusiasmados. "Hoje sim, hoje vimos um quadro soberbo, um encanto; S. Paulo convertendo a mulher de Nero." Que profunda desilusão tive. Êste quadro que está numa galeria organizada por S. Santidade Pio IX é um quadro banalíssimo em que um apóstolo sem grandiosidade préga a um manequim louro e rosado, que poderia vestir um qualquer modelo numa montra de loja de modas.

Foi uma lição que me levou a nunca mais discutir o que é belo, nem querer que qualquer pessoa tenha a mesma impressão de arte ou de beleza. É muito pessoal a maneira de ver as coisas e pode haver uma certa coincidência de gostos, mas o que uns acham bom gosto, outros podem achar péssimo. Tudo depende do ponto de vista, da educação artística, da sensibilidade, da maneira de ver e da intuição do que é verdadeiramente belo, indiscutível, e que nem todos podem ter, por muito artistas que se suponham. Com a beleza feminina dá-se o mesmo do que com as obras de arte. As opiniões variam de povo para povo, de indivíduo para indivíduo. Nos países nórdicos o tipo de beleza é sempre a mulher alta delgada, branca rosada e loura. Se os seus movimentos são graciosos se a sua linha é elástica a isso não se atende nem interessa. É fresca é alta, é bonita. Na Andaluzia a beleza é representada pela mulher de meia estatura, de formas arredondadas de mãos e pés pequenos, de movimentos graciosos e vivos. No Japão uma mulher loura é considerada feiíssima por mais belas que as suas feições sejam. "O demónio de cabelos vermelhos", é como lhe chamam ainda que sejam do mais belo cendrado, da côr do oiro ou do louro platinado, que actualmente encanta, americanas e europeias. A mulher bonita para o japonês é a pequena boneca de olhos em amendoa e cabelos negros luzidios, pintada como uma figurinha de leque. Em

França apreciava-se mais a "beauté du diable", feita de graça de "Chic", do que as clássicas formas, que fazem delirar os italianos habitua-dos desde crianças a ver a beleza através das estátuas maravilhosas que cobrem o seu país, o que lhes incute o respeito pela forma, pela harmonia por tudo o que é a base da beleza clássica e os faz admirar a mulher alta, perfeita de formas, de belos olhos, feições correctas que personificam bem a matrona romana e é um modelo de classicismo.

Os turcos têm como modelo a mulher bela e gorda. A gordura que horroriza tôda a gente hoje, que tem sido guereada à fôrça de dietas, de fome, dum verdadeiro martírio, que às vezes finaliza trágicamente numa tuberculose, tem os mais fervorosos admiradores na Turquia.

Uma mulher bonita e gorda personifica o seu ideal de beleza. Mas não são êles os únicos a pensar assim. Os americanos do sul, os argentinos sobretudo têm o maior apreço pela mulher forte e gorda e conta-se até a anedota do "ranchero dos pampas", que numa viagem a bordo dum navio encarecia aos que com êle conversavam os encantos da esposa e terminou por dizer como apoteose final e "pesa cem quilos". Imediatamente do lado, outro diz: "A minha mulher pesa cento e vinte" e logo a admiração dos seus patrícios se voltou para êsse homem que tinha uma mulher tão perfeita, que atingia um pêso que na Europa só se admira nos animais de matadouro, e em carne de vender a quilo.

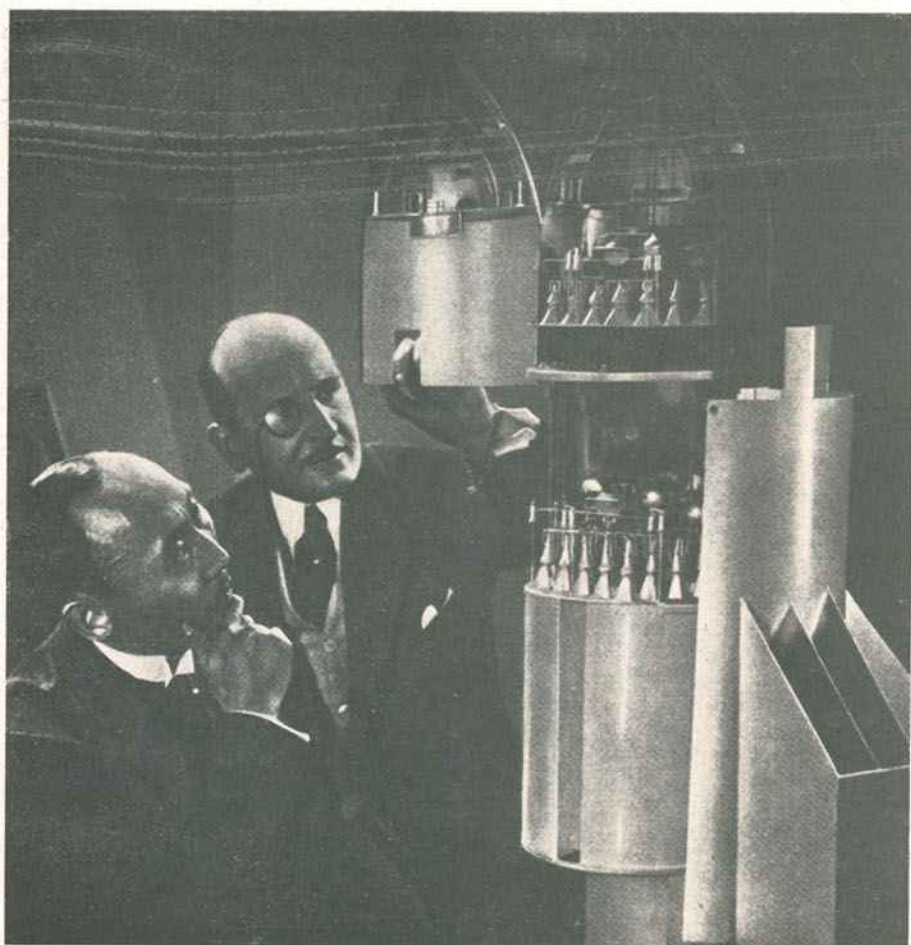
No entanto há mulheres elegantíssimas e lindas nesse país. No Oriente na Índia por exemplo é ainda outra a concepção da beleza. A mulher de pele bronzeada, bonitas feições, olhos deslumbrantes, cabelos negros lisos, luzidios é o verdadeiro tipo de beleza. Damos hoje uma gravura duma das mais lindas mulheres da Índia. "A pérola da Índia", a linda Marajah Kumarani Karamijetting de Kapurthala a nora do "Marajah" de Kapurthala. Duma inegável beleza não é só na Índia que faz sensação. Há belezas que se impõem em tôda a parte e que como sempre a todas as excepções impõe a regra. Fez uma viagem à Europa e a sua beleza



causou uma profunda impressão na cidade da luz, que tem sempre a tendência para tudo o que é original e exótico e que apresente uma novidade para o espírito "blasé", dos seus ultra civilizados habitantes. Mas aqui não houve exagero, a beleza desta jóvém indiana é perfeita. Os seus extraordinários olhos orientais não fascinaram unicamente os parisienses. Em Londres onde esteve, tendo sido apresentada na Côrte por Lady Maud Hoare teve um igual sucesso, deslumbrando todos que a viam e impondo como incontestável todo o seu encanto e beleza, num país onde impera o gosto pelas mulheres brancas e loiras, frias estatuas que nenhum ponto de contacto têm com a bela oriental de beleza ardente que é a jóvém "Marajadine". Mas não foi só a sua beleza que se impôs aos londrinos.

Foi também o seu luxo asiático a magnificência das suas jóias que por mais belas que fôssem não conseguiam ofuscar o brilho do seu encanto. Na côrte inglesa onde as jóias são soberbas, as pérolas da jóvém princesa indiana causaram sensação pela sua pureza tamanho e valor. Para se saber se uma pérola é bela a valer pergunta-se, se tem oriente. Estas pérolas orientais tinham o mais belo oriente, assim como o tinha a sua oriental possuidora. E assim mais uma vez como nos contos de fadas a princesa oriental coberta de pérolas, brilhando pela sua riqueza e pelo seu encanto natural, deslumbrou as crianças grandes das mais civilizadas capitais da Europa, pois também Berlim se encantou com a visita da linda "Marajadine", como nós em crianças nos deslumbrámos com as descrições fantásticas das orientais princesas dos contos das "Mil e Uma Noites", êsses contos que há séculos encantam gerações após gerações.

Maria de Eça.



dioso e a exploração dessas máquinas não oferece lucros que atraiam os capitais necessários».

Uma objecção se levanta naturalmente ante estas previsões: É a vida humana compatível com um trajecto no espaço sideral? Pode a aventura ser tentada sem que se rompa o equilíbrio físico do astronauta?

As condições fisiológicas duma viagem deste género são mal conhecidas. Não se sabe qual a maior velocidade que o organismo humano pode suportar sem risco de morte. Outros aspectos do problema teriam, porém, fácil solução dentro dos meios de que a ciência dispõe. A respiração dos viajantes dentro dum recipiente hermeticamente fechado poderia ser assegurada por processos químicos identicos aos que se empregam a bordo dos submarinos e nas barquinhas dos balões estratosféricos. O frio dos espaços siderais, que se avalia em 273 graus negativos, também poderia ser vencido.

Resta o problema do regresso à Terra cujo interesse, no caso de participarem seres humanos na aventura, facilmente se calcula.

Várias soluções se imaginaram para resolver esse importante aspecto do problema, mas as probabilidades de êxito de qualquer delas são precárias. Em primeiro lugar, o veículo interplanetário teria de pousar na superfície do planeta a que se destinasse sem sofrer choques violentos que o destruíssem ou avariassem. Facilmente se compreende que esta condição é essencial para que o regresso se possa efectuar.

A velocidade do foguetão, aumentada pela atracção do planeta a que se destinasse, tornariam muito difícil a manobra da descida. De Júlio Verne para cá os inventores têm pensado vencer a dificuldade por uma série de explosões

contrárias que, actuando à maneira dum freio, impediriam que a queda na superfície do planeta se fizesse em condições catastróficas.

Dado que esse aspecto da questão ficava assim resolvido, restava dotar o veículo dos meios de propulsão necessários ao regresso, o que constitue problema difícil mas não insolúvel.

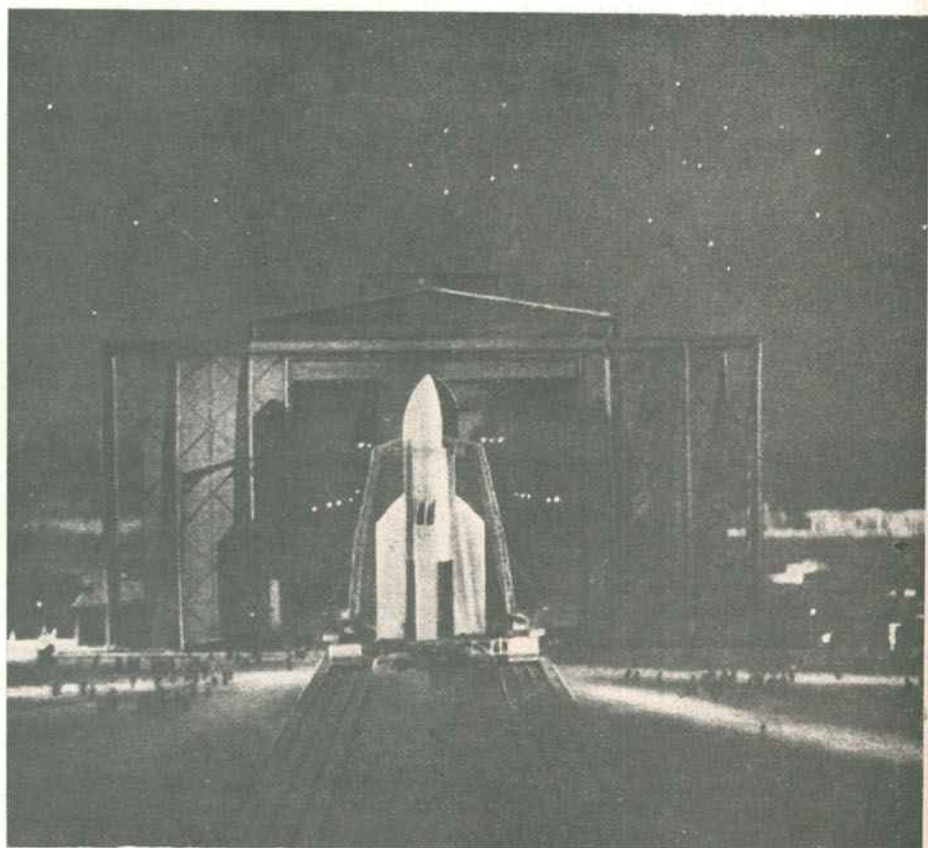
Em todo o caso, o ponto mais complicado da questão consistiria em fazer «pontaria» à Terra. A vida dos astronautas dependeria de acertarem nesse alvo que se move no espaço a grande velocidade. E os meios de o conseguirem num planeta estranho seriam, talvez, muito limitados.

Como se vê, a ideia das viagens no espaço sideral deu já motivo a grande número de locubrações. Inventores fantasistas têm elaborado com profusão os mais utópicos projectos. Um dos mais curiosos é o de certo engenheiro russo que imaginou lançar no espaço uma enorme construção que ficaria a girar em volta da Terra como um satélite. Esse novo corpo planetário serviria de *gare* nas expedições à Lua e aos outros planetas. O viajante partiria da Terra numa espécie de foguetão *tramway* e faria transbordo nessa *gare* sideral para outro veículo mais potente que o conduziria aos confins do espaço. O objectivo dessa estação intermediária era facilitar a partida para longos percursos, que poderia fazer-se no vacuo com maior facilidade.

Entretanto o problema continua a preocupar numerosos inventores e, afim de os estimular, a Sociedade Francesa de Astronomia criou em principio de 1928 um importante prémio pecuniário para a primeira pessoa que estabelecer comunicações com outro planeta do sistema solar. Escusado será dizer que até hoje ninguém se apresentou para o receber.

Mas acabará por chegar um dia em que o Homem, libertando-se dos limites que a Criação lhe assinalou, se erguerá nos espaços infindos para conquistar novos mundos.

Dois imagens do filme «Uma mulher na Lua». Em cima, os comanditários do empreendimento examinam o modelo do torpedo que vai partir para a Lua. Em baixo, os preparativos para a largada



CINEMA

O amor de Douglas e Mary
ou uma bela ilusão que se perdeu

Não morreu ainda no espírito do público a doce recordação do casal Douglas-Pickford, que durante alguns anos encheu os *écrans* e simbolizou uma época completa da história do cinema.

E contudo, o tempo, que não poupa ilusões, deu-se à ingrata tarefa de dissipar com o seu sopro implacável a fragil bola de sabão da sua felicidade matrimonial.

Douglas e Mary foram durante muito tempo os noivos ideais de todo o mundo. Viveram horas de triunfo e acumularam uma brilhante fortuna. A discórdia parecia não encontrar lugar entre eles.

Foi o tempo do «Zorro», das «Pernas Altas do Papá» e do «Pequeno Lord Fountleroy». Pickfair, a suntuosa residência do casal, nas imediações de Hollywood, era então considerada o templo da felicidade conjugal.

Um dia sobre este viver sereno soprou o vento da desavença. Douglas começou a fazer ausências cada vez mais prolongadas. A princípio, os cronistas dos jornais americanos, sempre ávidos de novidades sentimentais, não ligaram importância ao facto. Mas tempo depois começaram a notá-lo e a dar as explicações que o caso sugeria.

Alguma coisa de anormal se passava, a despeito de tudo quanto os dois esposos afirmavam em contrário. Aproximava-se um Natal e Douglas seguia em viagem. Caçara tigres no Nepal

e percorrera a China como bom turista americano. Mary enviou-lhe um telegrama a recordar a Festa da Família. E cavalheiresco como sempre, o Zorro interrompeu a viagem, utilizou os mais rápidos meios de transporte e conseguiu chegar a tempo de comemorar a data festiva na doce intimidade do lar.

Os optimistas rejubilaram. Afinal, o simpático marido da «Noiva do Mundo» permanecia fiel ao seu amor. E essa convicção trouxe alegria a muitos espíritos. Infelizmente, a atitude elegante de Douglas não passava do último clarão dum amor que se extinguiu. Passados poucos meses a separação anunciava-se com carácter irrevogável. Douglas e Mary, os esposos que o mundo inteiro supunha ligados pelo mais terno afecto, tinham reconhecido em comum acôrdo que não lhes era possível continuarem a viver juntos.

Douglas partiu para a Europa. Os que o viram de perto julgaram adivinhar-lhe no rosto expressivo o sulcozinho duma mágoa muito íntima e dum desalento muito profundo.

Quando em fins de Agosto deste ano, Douglas regressou a Hollywood, a esperança voltou a animar os que acompanhavam a marcha do seu romance. Os dois esposos iriam reconciliar-se?

Subiu-se depois que não. Jam apenas tratar de negócios. Segundo parece a situação financeira de Douglas está bastante comprometida e a de Mary, embora superior, está longe da passada prosperidade. Desejoso de não levantar entraves à marcha do processo do divórcio, Douglas fizera esta viagem a fim de regular certas questões para cuja solução a sua presença era indispensável.

Douglas e Mary foram, como se sabe, os principais fundadores da «United Artists», a empresa que realizou quasi todos os seus filmes de grande êxito. Afirma-se que resolveram ambos vender as suas quotas nesses es-



Douglas Fairbanks preparando-se para a filmagem de *D. João*

túdios à nova firma «Século XX».

Seja como fôr, o que ficou demonstrado é que nem um nem outro pensam numa reconciliação.

Douglas tem hoje 51 anos e Mary confessa ter feito 41. Os seus retratos carecem já de um sério retoque, e os instantâneos dos reporteres fotográficos são-lhes inteiramente desfavoráveis.

Envelheceram. Mas o tempo que não se compadece dos mortais, é benevolente para os artistas de cinema. As películas que nos encantaram na nossa mocidade continuam a projectar no *écran* a imagem duma Mary de longos canudos loiros e dum Douglas atlético e optimista. Nenhum dos dois existe já na realidade. Mas que importa, se os filmes ainda podem contar as suas emocionantes aventuras?

Entretanto, os dois artistas, embora seguindo caminhos divergentes, não abandonam os seus projectos. Após o êxito alcançado em «D. João», Douglas planeia já um novo filme sobre a vida do explorador genovês Marco Polo e as suas arrojadas expedições no interior da China. Mary Pickford, por seu lado, mantem-se indecisa. Mas pode supôr-se que não se atreverá a afrontar novamente a máquina de filmar.

E' tão difícil saber envelhecer com dignidade...

Como não podia deixar de ser, a Exposição que vai realizar-se em Paris em 1937 terá uma larga secção consagrada ao cinema. Foi agora nomeada uma comissão que está encarregada de elaborar um projecto sobre a colaboração do cinema no certame. Fazem parte dela algumas figuras de grande destaque na indústria e no jornalismo cinematográfico, como Louis Lumière, Aubert, Delac, Natan e Vuillemoz.

Diz-se que em Paris, com certos visos de verosimilhança, que nos primeiros meses do próximo ano Lilian Harvey se apresentará ao público no teatro da Porta Saint-Martin daquela cidade. Como é de prever, a linda artista interpretará uma opereta de grande espectáculo. E para não perder tempo trabalhará, durante o dia, num estúdio dos arredores da capital francesa.



Mary Pickford que faz correr uma acção de divórcio contra seu marido



Fialho de Almeida

FIALHO DE ALMEIDA, o terrível Fialho d'Os Gatos, que tanto se empenhou em dar lições de bravura ao monarca português, aconselhando-o a preparar por suas mãos um regicídio aparatoso com muito sangue e muitos tiros que lhe deixasse um nome na História; salientando-lhe que "os reis que não gramavam chumbadas do povo eram como as cigareiras que não apanhavam cascudos dos amantes, umas lêsmas, a cuja existência se perdia o interesse", e fazendo-lhe vêr, por fim, que seria vantajoso "dignar-se a verter o seu sangue, antes que a História, julgando-o, solicitasse a posteridade a verter águas"; Fialho, o temível Fialho teve sempre um verdadeiro horror pelas cenas violentas.

Os duelos apavoravam-no.

Embora as suas mais belas páginas constituíssem o pelourinho dos arranjos e videirinhos do seu tempo, os defeitos que apontava e castigava aos outros deixavam de ser defeitos, quando praticados por êle.

Travando conhecimento com o conselheiro Joaquim António Gonçalves, grande industrial de chapelaria no Pôrto e redactor-chefe do jornal "A Província", de Oliveira Martins, serviu-se destas relações para conseguir um emprego chorudo, e, nessa intenção, escreveu a seguinte carta:

Meu caro amigo:

Tem-se fallado aqui ha dias n'uma recomposição ministerial, com o Oliveira Martins em não sei que pasta, obras públicas, marinha, fazenda, não sei qual...

Como este boato, cedo ou tarde pode vir a ter realidade, vou pedir-lhe um favor (um grande favor até) e não o peço ao Martins, e interponho n'ele a aliás valiosissima mediania, porque o nosso antigo redactor em chefe não faria absolutamente caso nenhum do que eu lhe dissesse.

O caso é o seguinte:

Lembrei-me de que sendo o Martins ministro, não faria a minha pobre careca muito má figura na ante-câmara, como secretario. Está vendo que o secretariado é quasi o meu forte. Escusa de rir-se da minha ambição. Tenho lançado os meus olhos á roda, a vêr quem poderia o Martins escolher para tal cargo.

O Jayme de Magalhães Lima está longe.

O Luiz de Magalhães da mesma forma.

Que diabo! E se o meu caro Gonçalves, em occasião oportuna (não quer ser meu concorrente, não?) lembrasse ao nosso philosopho o que acabo de lhe dizer?!

Diga-me que se não ri do meu pedido, e prometta-me interceder calorosamente n'esta minha pretensão. Sabe que nos fomos todos embora do "Reporter." — excepto o Carrelhas, que engorda, o picaro, com o esmaltar, dia por dia, com pedras preciosas e adjectivos medonhos, a parte da policia. Mando-lhe um abraço, e a certeza da minha estima.

Fialho d'Almeida.

Gonçalves respondeu, prometendo interessar-se pelo assunto, embora não agou-rasse grande êxito á pretensão do Fialho,



Oliveira Martins

CHOQUE DE COLOSSOS

O bravo cidadão Gonçalves chapeleiro, contra o panfletário de "Os Gatos", fundibulário e moralista portuense pretendente de emprêgo chorudo

visto o Oliveira Martins ser um indivíduo inabordável. Ainda assim, iria tentar o que pudesse...

Fialho enviou logo nova missiva:

Meu caro amigo:

Muito agradecido pela resposta á minha carta. Não mande ao Martins a que eu lhe escrevi, quanto ao secretariado. Elle é uma especie de railleur doux, que ás vezes é terrível. Já agora quando vocês subirem ao poder, procurei bocado apetecível. Renova, meu caro Gonçalves, os meus agradecimentos pela sua carta, e peço-lhe que mande o seu devotado.

3 de Novembro, 88.

Fialho d'Almeida.

O cidadão Gonçalves, que arrecadara estas cartas como documentos curiosos, não resistiu á tentação de as mostrar a alguns amigos que, por sua vez, as alardearam nas mesas dos botequins por entre ditos mordazes e piadas sangrentas.

O terrível panfletário ficava numa situação pouco airosa.

Como abaçar o escândalo?

Fialho, dando-se ares de pimpão, encarregou os seus amigos Abel Botelho e Pinto da Mota de solicitarem a cópia integral das malparadas missivas ao seu indiscreto destinatário.

Calculava êle — pobre ingênuo! — que o cidadão Gonçalves teria a delicadeza cavalheiresca, como se duma dama se tratasse, de lhe enviar com as suas mais sinceras desculpas, as malditas cartas que tanto o faziam sofrer, provando-lhe assim que não mais voltaria a mostrá-las, fôsse a quem fôsse.

No entanto, Gonçalves, tomando o gesto de Fialho como um desafio, nomeou também as suas testemunhas, e preparou-se para um provável duelo.

Eis a acta da pendência:

Aos trinta dias do mês de janeiro de 1891, reuniram-se nas salas da redacção do "Dia", os abaixo assinados — Antonio d'Almeida Pinto da Motta, Abel Botelho, José Barbosa Colen e José Maria de Alpoim de Cerqueira Borges Cabral, — os dois primeiros como representantes do ex.^{mo} sr. José Valentim Fialho d'Almeida, e os dois ultimos, do ex.^{mo} sr. Joaquim Antonio Gonçalves.

Tendo sido dito pelos dois primeiros que vinham aqui por indicação do ex.^{mo} sr. Gonçalves, para obter deste cavalheiro copia integral das duas cartas que ao ex.^{mo} sr. Fialho d'Almeida constava terem sido mostradas a algumas pessoas das relações d'aquelle senhor, cartas escriptas em tempo pelo mesmo ex.^{mo} sr. Fialho d'Almeida ao ex.^{mo} sr. Gonçalves, parecendo-lhe vêr uma intenção aggressiva na forma por que essa cópia lhe era requerida, em carta dirigida aos dois primeiros pelo ex.^{mo} sr. Fialho d'Almeida, lhe confiara a missão de resolverem convenientemente o assumpto, dum modo consentâneo á sua dignidade, dando-lhes para isso plenos poderes.

Pelos primeiros foi então dito que da parte do ex.^{mo} sr. Fialho d'Almeida, não tinha havido senão o proposito de obter copia integral d'essas cartas e nenhum intento de provocações ou offensa o movera a escrever a carta alludida. Em vista do que os dois ultimos replicaram que, ressaltada por esta aclaração a dignidade do seu constituinte, estavam promptos a entregar as copias pedidas, as quaes para completa authenticidade, se resolveu que fossem rubricados pelos quatro signatarios d'esta acta.

Lisboa, 30 de janeiro de 1891.

(ca) Antonio d'Almeida Pinto da Motta; Abel Botelho; José Barbosa Colen; José Maria Alpoim de Cerqueira Borges Cabral.

Fialho, eterno insatisfeito, não se conformou com os termos desta acta, e jurou vingarse. No dia seguinte atirava-se no jornal "A Pátria", ao cidadão Gonçalves, numa linguagem despejada de colareja, que, longe de lhe criar alguma razão apenas levantava um fedor nauseabundo.

Gonçalves, hirtó e impávido, não se dignou baixar á esterqueira e agredir o seu detractor com punhados de sujidade. Limitou-se a mandar estampar a acta da pendência e as cartas comprometedoras na primeira página d'"A Província", sem o mais leve comentário, para que o público avaliasse como melhor entendesse.

Como os insultos continuassem, Gonçalves entregou o caso aos tribunais competentes, visto o furibundo Fialho ter tanta coragem para ofender e tão pouca para tirar um desfôrço na devida altura. Poderia travar polémica com um adversário de tal envergadura, que não lhe escasseavam qualidades para o fazer. Guerra Junqueiro não levaria a melhor com êle, quando do incidente da *Finis Patria*.

Fialho declarou então:

"Em 31 de Janeiro último, produzindo no jornal "A Pátria", uma série de documentos, de carácter exclusivamente pessoal, tive de os explicar em algumas linhas de prosa justiceira, das quais tombaram sôbre o Gonçalves da "Província",

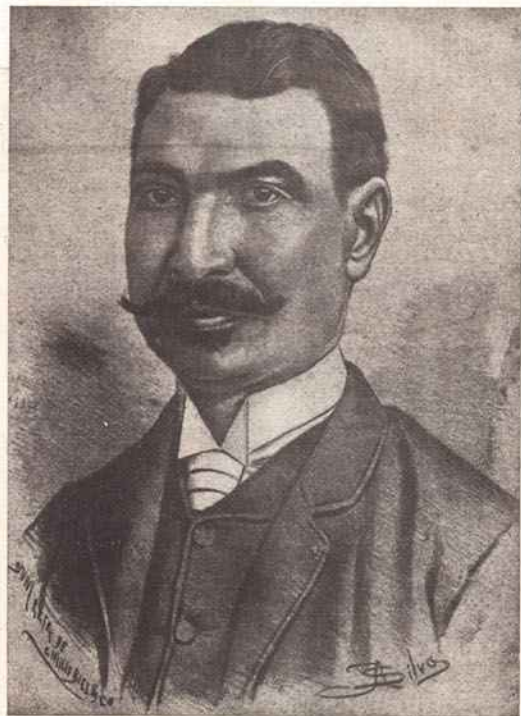
estas duas acusações de *tôrto* e *m...* — a primeira, fundamentada quasi tôda no seu proceder desleal para com Junqueiro, visando-lhe o carácter — a segunda, mais particularmente inferida da sua singular e fétida maneira de tirar desagravo nas polémicas jornalísticas, visando-lhe a figura. O homem, pesando-lhe a afronta, não hesitou em desviá-la do terreno em que outros haveriam preferido deslindá-la, e encarregou, disse-ram-me, os tribunais de terem coragem em seu lugar...

Era assim o Fialho!

Quando, anos depois, no Café Martinho, encarregava Brito Camacho e Azevedo e Silva de lhe servirem de padrinhos num duelo que deveria ter com o conde de Arnoso, recomendou sempre até o último momento:

— "Olhem que eu não me bato! Os plenos poderes que dou ás minhas testemunhas são para elas evitarem o duelo."

Gomes Monteiro.



Joaquim António Gonçalves

A fidelidade masculina

cada passo, esperava uma recriminação que nunca chegava. ■

Duma vez, foi atacado mais fortemente por uma paixoneta despertada pela "Lóló", uma atriz de teatro e de cinema.

Andava pelo estúdio, onde entrava porque era amigo do realizador, e costumou-se áquele "flirt", diário com a "vamp", loira, "flirt", que a breve trecho desandou em mais positivas relações.

Durou aquilo uns três meses.

Como tinha umas propriedades em terra distante, ausentava-se a-miúdo de casa, sob o pretexto de vigiar os seus bens, e lá ficava fora do lar conjugal algumas noites.

Apesar do amor pelo filho, é possível que o homem descarrilasse mais desastrosamente abando-

nando o seu lar para seguir a vagabunda "estrela", que deambulava pelo mundo espalhando desditas. Mas a esposa continuava calma, embora, como pode supôr-se, sofresse intimamente.

O que a sustinha, para não rebentar em explosões de cólera e raivosas palavras, era o amor que dedicava ao marido. Preferia reparti-lo, eventualmente, a perdê-lo para sempre. E bem lhe foi. Tudo passa, e mais depressa passam ainda os caprichos sensuais.

Alvaro, saciado, enfim, voltou de vez para junto da mãe do seu filho.

Um dia, mais aguilhoado pelo remorso, em face da bondade da companheira, disse-lhe:

— "Olha, gostavas que nos retirássemos para a velha herdade do Monte? Francamente estou cansado desta vida da cidade.

"E talvez fôsse bom

para o petiz. Sempre são outros ares... Que dizes?"

— Sabes que tudo quanto tu queres, quero eu também — respondeu-lhe a companheira, radiante de ventura. ■

Desde então, naquela ridente aldeia da Beira Baixa, ninguém conhece casal mais sossegado e feliz.

Èle raras vezes vem a Lisboa e nunca vem só. Traz sempre consigo a esposa.

Para fugir às tentações, porque apesar de tudo èle continua sendo aquêlê homem másculo e adorador do feminino, contenta-se em ver as sereias do palco na tela branca dos cinemas.

A's mulheres de celuloide resiste-se facilmente.

E fez isto tudo, porquê?

Porque a esposa soube conduzi-lo com doçura e prudência.

Se o recebesse com doestos e maus modos, à volta de qualquer aventura, èle tinha posto o chapéu na cabeça e "por aqui me sirvo". ■

Sim, èle há homens, ainda, fieis ao seu amor dilecto, mas não devem contrariar-se, nas suas naturais expansões de masculinidade.

Querer violentar-lhes a tendência inata para a pluralidade amorosa e querer fechá-los no limite estreito do amor único, é loucura que as mulheres que amam têm que pagar bem caro com a perda da sua parte no coração e no desejo do ente amado, o que já não é para desprezar.

Mercedes Blasco.



AINDA há homens fieis aos seus juramentos de amor. Poucos, mas ainda os há.

Não quiere dizer que êsses poucos não aproveitem qualquer boa ocasião, colhendo um beijo que se lhes oferece em novas bocas, como quem colhe uma flor.

Mas mesmo assim, com estas restrições, já é para admirar a fidelidade no homem que passa e colhe um beijo e não pára em mais demorada colheita.

A fidelidade absoluta, no homem, é impossível e seria até ridícula.

Nem a mulher preferida devia gostar que o seu ideal fôsse dêsses que fugissem diante duma provocação feminina, contentando-se em ser a preferida.

Mas, isso, sim. As mulheres têm a faceta pretensão de querer ser únicas inspiradoras de um único amor.

Não há maneira de se convencerem de que essa aspiração pertence ao número dos impossíveis.

Quando o homem se conduz, como se diz no princípio desta crónica, já é uma grande vitória para a mulher que èle, elegeu como sua dilecta parceira na lição do amor.

E assim era o Alvaro X, que gostando da mulher a valer, não perdia nenhum extraordinário que viesse ter ao alcance da sua gula amorosa.

A esposa tinha espírito, compreendia o feitio do marido e, como não lhe faltava o que era preciso em casa para si e o seu bebé, um garotete de três anos adorado por ambos, não lhe fazia cenas, quando èle regressava a casa a horas mortas, fatigado e indiferente.

Èle admirava-se daquela atitude e, a



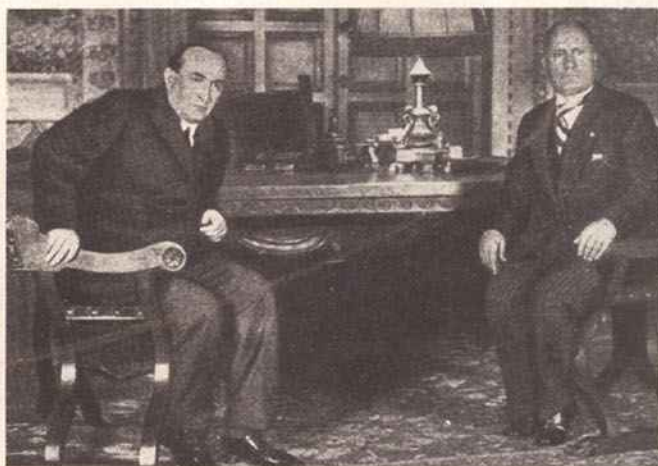
Horror à publicidade



Este curioso instantâneo representa Greta Garbo fugindo a um repórter fotográfico que a surpreendeu na rua.

POR ESSE MUNDO

A Paz do Mundo



COMBOES realizou recentemente no Palácio de Veneza, em Roma, uma importante entrevista com Mussolini em que a posição da Hungria perante as acusações da Jugoslávia, acerca das responsabilidades do atentado de Marsilha, foi largamente debatida.

A cura da hemofilia



O terrível mal da hemofilia, que há muitos séculos vem atacando algumas famílias reinantes da Europa, parece ter encontrado finalmente a desejada cura. Pelo menos, o ilustre sábio austriaco professor Afonso Sole acaba de comunicar às Ciências Médicas de Viena que, com aplicações de leite de mulher, conseguiu resultados muito superiores aos obtidos com injeções de soro fisiológico. A simplicidade desta descoberta, que só um acaso poderia provocar, está causando o maior assombro em todo o mundo científico e uma esperança ao príncipe das Astúrias.

A luta contra a peste



O Instituto Kock de Berlim trabalha activamente na descoberta duma vacina contra o terrível mal da peste que tantos estragos causa em todo o Mundo.

Casamento duma princesa



DEVE realizar-se em data próxima o casamento da segunda filha do ex-rei Afonso XIII com o duque Alexandre Torlonia. A gravura mostra os noivos durante uma viagem de recreio que recentemente fizeram juntos, aproximando mais os dois corações.

Morte do cardeal Gasparri



MORREU recentemente em Roma o cardeal Pietro Gasparri, figura eminente do Vaticano, onde ocupou o cargo de secretário de Estado. Era um hábil diplomata que obteve grandes êxitos no desempenho das suas funções junto do Papa.

Novo dirigível alemão



Nos estaleiros de Friedrichshafen reina uma actividade febril. Ultima-se a construção da armadura metálica dum novo dirigível do tipo Zeppelin que passa a ser designado simplesmente por L. Z. 129.

O casamento da princesa Marina da Grécia



O casamento da princesa Marina da Grécia com o príncipe Jorge de Inglaterra foi e continua a ser um dos mais palpitantes assuntos mundiais. Quantas energias se movimentaram para que tudo atingisse o grau de solenidade requerido! Na confecção do enxoval quantas mãos de fadas se empenharam em requintados labores! Uma das nossas gravuras representa quatro das mais distintas alunas da Escola Real Britânica de Costureiras, em Londres, bordando a colcha que figurou no leito nupcial. Uma verdadeira oferta de anjos! A gravura seguinte apresenta-nos mister F. Felton, o mais reputado florista londrino, confeccionando o ramo nupcial que a noiva conduziu durante a cerimónia. Finalmente, o bólo das bodas que foi, como se vê na gravura, além duma maravilha de doceiro, uma verdadeira filigrana de arte. De tão auspicioso noivado, o mais retumbante dos últimos tempos, é de crer que surjam felicidades. Ainda há fadas benfeitas que protegem as lindas princesinhas encantadas dos nossos dias. Um futuro bem breve nos dirá o que de belo e delicioso este acontecimento trará para o mundo. Repare-se que casou esta princesa... E, no entanto, casam muitas princesas durante o ano... Não se esqueçam desta cerimónia. A alma grega está jubilosa com este casamento que considera um bom prenúncio para a felicidade helénica. Uma pequena aldeã da Grécia, representando a população inteira, enviou à princesa Marina um ramo de rosas silvestres com o pedido de o usar no dia do seu enlace matrimonial, pois esse punhado de florinhas havia sido orvalhado pelas lágrimas de contentamento de todos os gregos ante o seu festivo consórcio com o príncipe Jorge de Inglaterra. E a princesa, satisfazendo este pedido, ostentou o ramo simbólico no dia do seu casamento.





O grande vencedor ciclista Alfredo Trindade

assistir e perdura na nossa memória como o mais emocionante encontro de football que ainda presenciámos, enviou os seus jogadores à cidade do nevoeiro e de lá regressaram esmagados pelo peso da copiosa derrota.

Os ingleses exultaram, cantando lóas à superioridade de classe do seu jôgo, mas um ano mais tarde o célebre "team", maravilha da Austria, colocado em idénticas condições de exame, permitiu-se inquietar os catadráticos e safu do terreno batido pela mínima diferença, quatro bolas a três, e merecendo a tóda a crítica a consagração de haver lutado de igual para igual.

Este ano cabia a vez à Itália vencedora do campeonato do mundo organizado pela Federação Internacional, onde os ingleses não haviam figurado, era necessário marcar posições e, para os britânicos, indispensável afirmar que os autênticos campeões eram eles. Questão fundamental, que decidiram com a autoridade de quem é senhor absoluto da lei. Os italianos foram convidados a visitar a Inglaterra,

mas quando e como muito bem aprovou aos donos da casa, os quais soberam — e ninguém lho pode levar a mal — colocar do seu lado todos os factores favoráveis.

A missão dos campeões do mundo de 1934 era particularmente difícil e justificava-se pela forma como a desempenharam, a ovação estrondosa pela qual os numerosos partidários da equipa latina saudaram, ao terminar do jôgo, a proeza dos seus compatriotas.

De facto, o "big-match", como lhe chamavam em Londres, não terminou pela ambicionada derrota esmagadora dos continentais. Depois de haverem inicialmente sido manobrados à vontade, sofrido três bolas em menos de um quarto de hora, os italianos, apesar de reduzidos a dez homens pela lesão do célebre médio centro Monti, reagiram com desespero e conseguiram uma viravolta sensacional, marcando duas vezes e chegando a ter o empate à vista. Após haverem esperado uma vitória confortável sobre os vencedores da Taça do Mundo, os ingleses tiveram de contentar-se com um resultado pela tangente, três a dois ao cabo de noventa minutos.

A alegria dos italianos compreende-se melhor colocando-a no ambiente especial do encontro.

Oito dias antes já ninguém falava outra coisa em Londres e a opinião pública exigia dos seus representantes um resultado concludente. Nada de contempelações; parafraseando a invocação de Nelson em Trafalgar, a

QUINZENADESPORTIVA

imprensa declarava: "A Inglaterra espera que cada um faça o seu dever."

"No jôgo desta tarde, afirmava outro jornalista, não devemos entrar em considerações com espirito de cavalheirismo nem generosidade para com o adversário. A Inglaterra precisa marcar pontos. Do primeiro ao último minuto, cada homem deve jogar como disputasse a final da Taça e estivesse perdendo por uma bola de diferença."

Estas frases bastam para demonstrar que na escassez do resultado não interveio qualquer parcela de contempolização inglesa, pois apenas deve ser atribuída a impossibilidade de conseguir melhor.

Começando a sua acção sob os melhores auspícios, os britânicos conseguiram, entre o 8.º e o 14.º minuto de jôgo, enfiar três vezes a bola nas rédes contrárias, exibindo um football transcendente, alcançando uma perfeição técnica quasi inigualável. A partir desse momento, porém, os adversários recompuseram-se, organizaram a defesa, e nada mais passou.

Ao invés da toada inicial, os italianos retribuíram, no quarto de hora médio da segunda parte por intermédio do seu avançado centro Meazza, duas das bolas recebidas.

O ardor da luta, a excessiva vontade dos italianos, levou por vezes os jogadores a exageros de dureza e os ingleses queixam-se amargamente da forma como os seus foram tratados, falando em interromper todo o contacto com as nações continentais, dispostos a não aceitar a deturpação do espirito de nobreza do jôgo.

Um cronista francês que presenciou o encontro, comenta-o com as seguintes palavras: "Nunca assisti a um jôgo internacional tão irregular. A unica unidade que verifiquei realmente foi, se me é dado exprimir assim os factos, a rudeza na qual decorreram as jogadas e a violência empregada nos choques de homem contra homem. Inglaterra-Itália foi uma batalha terrível, uma guerra de onze contra onze, onde o instinto primitivo, para não dizer o instinto selvagem de alguns elementos, suplantou com demasiada frequência as normas da educação de pessoas civilizadas."

As conclusões a tirar do notável acontecimento, não constituem surpresa; já sabíamos que a excessiva vontade de vencer conduz a atitudes repreensíveis e destrói a nobreza do conceito desportivo, e não é também surpresa para os entendidos a aproximação do valor do football continental em relação ao britânico.

Por enquanto, em sua casa, os mestres criadores conservam ainda a supremacia e intacta a coroa real da invencibilidade; mas tudo faz prever que se aproximam tempos diferentes, e para o orgulho britânico esta previsão explica certos rumo-

res de isolamento, apresentados embora sob aspecto diverso.

Sabemos, finalmente, quem são os últimos campeões de Portugal de 1934 cujos títulos ainda faltava disputar: os de ciclismo.

Embora tarde e fóra dos limites regulamentares da época oficial, a União decidiu-se, após várias complicações, a organizar as duas provas, de velocidade e fundo, que ficaram longe de alcançar no público o interesse a que tinham jús como manifestações máximas dum dos desportos mais populares no país.

O campeonato de estrada, destruindo a rotina imposta pelos regulamentos em desuso, foi facultado a todos os especialistas reconhecidos de classe, abstraindo do regime da prova regional como seleccionadora única. Resulta daqui uma animação invulgar e a garantia de que o título foi realmente entregue ao melhor do momento.

A vantagem desportiva deste método de livre acesso á prova nacional fica suficientemente demonstrada pelos próprios resultados desta competição; entre os dez primeiros classificados, os 1.º, 3.º, 4.º, 5.º, 7.º e 10.º, não pertenciam aos apurados pelos campeonatos distritais.

O campeonato de velocidade resumiu-se uma vez mais ao duelo entre os especialistas do Sporting, a quem os poucos concorrentes que se apresentaram não puderam oferecer resistência. Devido á escassez de provas disputadas e á insuficiência das pistas existentes, o ciclismo de velocidade conserva-se embrionário em Portugal, muito longe do desenvolvimento adquirido pelas provas em estrada.

Os títulos ciclistas de 1934 foram conquistados pela primeira vez por dois homens de brilhante carreira na especialidade e em tudo dignos da consagração suprema, os sportinguistas Alfredo Trindade e Assunção Silva; e como os segundos classificados em qualquer dos campeonatos, Joaquim de Sousa e Rodrigo Garrido, pertencem também ao Sporting, verificamos que o triunfo alcançado pelo club do Campo Grande foi absoluto.

A corrida dos cem quilómetros demonstrou a nítida superioridade actual de Alfredo Trindade, que conduziu tóda a prova, batalhando com energia e vontade, desbaratando pouco a pouco o pelotão dos adversários e entrando isolado na meta, como compete a um campeão que se presa. Participaram na corrida quasi todos os ciclistas de reputação firmada, registando-se apenas as abstenções de Esequiel Lino, que não quiz correr, e de Aguiar da Cunha, que não pôde correr por doença.

O antigo campeão, José Maria Nicolau,

cujo reinado parece concluído, não terminou o percurso, inferiorizado por uma queda, mas sobretudo incapaz de acompanhar as abaladas sucessivas do seu grande rival.

O football é um desporto cuja existência nacional o cronista português não pode eliminar dos seus comentários. Sendo o mais divulgado e o mais popular de todos os jogos, a modalidade que no estrangeiro melhor tem exercido a propaganda desportiva do país, a sua vida e evolução interessam sempre aos orientadores da opinião pública.

A actividade do football enveredou esta época por caminhos novos, no desejo de alcançar um progresso que muitos anos de experiência dos antigos regulamentos não conseguiram produzir. Antes pelo contrário, a classe do nosso football seguia uma curva descendente, acusada nitidamente pelos recentes fracassos internacionais e pela baixa de valor técnico das competições nacionais.

Este ano foi criada uma nova organização, o Campeonato das Ligas, a interpor aos torneios regionais e ao campeonato de Portugal, e onde se defrontarão os mais fortes agrupamentos do país, divididos em grupos conforme sua categoria.

Trouxe-nos esta inovação uma primeira vantagem reduzindo o tempo de duração dos campeonatos das Associações, que obrigatoriamente devem estar concluídos até final de Dezembro. Lisboa resolveu o problema reduzindo o número de clubes participantes em cada divisão, no que não houve o mínimo prejuizo pois estava de há muito demonstrado que a categoria dos restan-



Uma sobriba defesa de Ceresoli, guarda-redes italiano, a um sportista marcado por Drenck

tes participantes na chamada divisão de honra era muito inferior á dos actuais apurados, salvaguardando, é claro, o caso muito especial do Barreirense.

Equilibradas as forças, o interesse da competição recrudescerá, com evidente proveito para a afluência de público e consequente aumento de receitas, indispensáveis á vida regular das colectividades desportivas.

No momento em que escrevemos estas linhas, a quatro jornadas do final, dos seis grupos apenas um está virtualmente eliminado da disputa do primeiro lugar; os restantes cinco, cuja pontuação cabe dentro duma diferença de duas unidades, podem ainda manter esperanças de posse sobre o título ambicionado.

Qual será o mais feliz? O Benfica leva ainda uma vantagem ligeira, mas tão ligeira que lhe não permite descuido, e a irregularidade de exibição dos grupos representativos dos clubes mais cotados é tão "regular", que bem poderemos esperar que seja, por fim, a sorte que decida em grande parte a luta travada.

Salazar Carreira



O publico assistindo ao encontro entre França e Inglaterra-Itália



na actual direcção da Associação Comercial do Porto. Da esq. para a dir.: senhores Manuel Margue Guedes, Pedro Maria da Fonseca, 2.º secretário, José da Fonseca Meneses, vice-presidente, António de Oliveira Calém, presidente, Carlos Alberto Guimarães Lobo, 1.º secretário, Augusto Borges, tesoureiro, Alberto Santos Guimarães e em pé, Frank Yeatman, G. Maxwell A. Graham, dr. Vasco de Oliveira Mourão, João Henriques Moreira Ferreira, Manuel Caeiro de Oliveira, W. Stuur, José Julio Crilosa e José Manuel Cabral

A Associação Comercial do Porto 1834-1934

Em 1834 cinquenta dos principais negociantes do Porto que até aí se reuniam, a tratar dos interesses do comércio local, numa casa da rua



Arnaldo Van Zeller presidente em 1834.

dos Ingleses, hoje a do Infante D. Henrique, fundaram a Associação Comercial do Porto de que foi iniciador e primeiro Presidente Arnaldo



António de Oliveira Calém, presidente em 1934.

cinto, os relevantes serviços prestados não sómente à cidade, mas até ao País. Em 1835 instalou o telegrafo marítimo e dois anos depois tomou a iniciativa da criação de uma Cadeira de Economia Política, mantendo a cargo tempo, e da construção da rua Ferreira Borges, o que lhe valeu uma portaria de louvor do Ministério do Reino.

Em 1840 iniciou os trabalhos da construção do Edifício da Bolsa, nos terrenos do extinto convento de S. Francisco de que hoje apenas resta a Igreja do mesmo nome, a joia mais valiosa do rico tesouro artístico que o Porto possui. Para esse efeito foi autorizada a cobrança de um imposto adicional sobre algumas mercadorias despachadas na alfândega do Porto que permitiu que em 1842 se lançasse solenemente

Um aspecto do sumptuoso baile no Palácio da Bolsa

A Associação Comercial do Porto comemorou plenamente o seu primeiro centenário

Com o brilhantismo que costuma caracterizar todas as suas manifestações, comemorou a prestigiosa Associação Comercial do Porto o seu primeiro Centenário, a cujas solenidades veio expressamente assistir, o Ilustre Ministro do Comércio e Indústria que em nome do Governo a agradeceu com o Grã-Cruz da Ordem de Cristo, dando assim os Poderes Públicos mais um eloquente testemunho da alta consideração e apreço em que têm a vista obra desta prestantíssima Colectividade que honrando a cidade do Porto, seu berço, prestígio o País.

São cem anos de constante e árduo trabalho, de dedicação sem limites que a tornaram credora da gratidão das regiões norte-nhas que a todas têm chegado os benefícios da sua acção. São inúmeros os serviços que se lhe devem em todos os aspectos da nossa actividade, por isso que, não se limitando ao amparo e defesa dos legítimos interesses da classe que tão briantemente representa, tem abordado com igual perseverança vários problemas de verdadeira interesse nacional.

Estão neste caso as obras do porto de Leixões que constituiram por largos anos a suprema aspiração dos povos do Norte e a cuja realização, hoje em pleno andamento, a Asso-

a primeira pedra e após treze meses fôsse inaugurada uma parte da nova sede.

Em 1861 arbitrou um subsídio anual de dois contos de réis, então uma importante verba, em 1866 substituiu no telegrafo marítimo por um Morse o aparelho Breguet, em 1871 comprou ao Estado os terrenos da antiga cêrca do convento de S. Domingos, fronteiro à Bolsa, afim de evitar que ali se fizessem quaisquer edificações, em 1873 construiu no terreno pertencente ao Banco Commercial uma casa para estação da Guarda Municipal afim desta vigiar os valores ali depositados, não só da Associação como dos seus empregados. Em 1862 distribuiu dez donativos de quatrocentos mil réis, em inscrições, cada um, a outras tantas vias de comerciantes em más circunstâncias, solenizando assim a visita do Rei D. Luís e Rainha D. Maria Pia.

Em 1883 iniciou a construção do monumento do Infante D. Henrique, em 1888 abre uma subscrição a favor das vítimas sobreviventes do incêndio do Teatro Baquet encabeçando-se com um conto de réis e dando os seus directores setecentos mil réis, em 1889, 1892 e 1897 tomou o encargo de representar o Vinho do Porto nas Exposições de, respectivamente, Paris, Chicago e Filadélfia.

A expensas suas foi criada, em 1898, na Escola Elemental do Comercio, uma cadeira de inglês, em 1900 encarregou-se das obras de construção do Posto de Desinfectação de Leixões, cuja primeira pedra foi lançada com a assistência do Rei D. Carlos e Rainha D. Amélia e em 1927 solenizou o cinquentenário da inauguração da ponte D. Maria Pia.

Muito mais se alongaria a lista se nela quisessemos incluir todas as beneméritos iniciativas a que a prestantíssima Colectividade tem o seu nome ligado. Mas as que aqui ficam bastam para a impor à consideração e respeito dos que, proventura, ainda ignoravam quanto lhe deve a capital do Norte e com ela todo o país.

Por isso, o centenário que se comemorou agora tem um alto significado como consagração dessa notável e meritória obra.

ciação Commercial, acompanhada dos demais organismos económicos da cidade, prestou o mais decidido concurso, insistindo continuamente junto dos successivos Governos pela solução d'este caso, de tão largo alcance para todo o País, e ainda recentemente a Exposição Colonial cuja iniciativa partiu das suas salas e que veio a constituir o nosso mais assinalado triunfo dos últimos tempos.

A vida comercial portuense está de há muito intimamente ligada uma numerosa e escolhida colónia inglesa que se tem evidenciado nos vários ramos da actividade local, em que alguns dos seus membros têm conquistado posições de real destaque, e como tenham sido ingleses também vários dos fundadores da Associação, manteve esta sempre, nas suas successivas Direcções, representantes dos comerciantes britânicos que lhes têm prestado a mais dedicada e leal colaboração.

A British Association associou-se espontaneamente à comemoração do centenário oferecendo à Direcção e ao representante do Governo um banquete a que assistiram, convidados, os hóspedes de Honra que ao Porto foram homenagear a Associação Commercial desta cidade.

Banco Allança

No desenvolvimento e progresso de uma região tão importante como é a de que o Porto constitue o centro principal têm um primordial papel a desempenhar as instituições de



A filial do Banco Allança na Avenida dos Aliados

crédito, quando norteadas por são critério e fortificadas pela confiança publica.

O comércio da praça portuense, movimentando avultadíssimos capitais, tem encontrado nelas um dos seus mais valiosos colaboradores, o que sobejamente explica a instalação nesta



Ovar, engenheiro Sebastião Romera, ministro do Comercio, Antonio de Oliveira Calém, e sua esposa D. Maria Eugenia Ramalho Pinto Calém, no baile do Palácio da Bolsa

cidade de filiais e agências de vários Bancos e Casas Bancárias. Possui o Porto, privativamente suas instituições desta natureza que exercem uma decisiva influência na vida económica local. Está nêstes casos o Banco Allança,



A sede do Borges & Irmão na Rua Sá da Bandeira

de que esta cidade muito justamente se orgulha, com setenta anos de existência, que soube tornar-se um estabelecimento de reconhecida utilidade para a Economia Nacional, conservando sempre características de Banco regional e dos mais cotados do País.

Foi fundado o Banco Allança em 1863, na Rua de Belomonte, passando depois para a Rua Mouzinho da Silveira, e desde então, até agora, setenta anos decorridos, o seu constante progresso permitiu-lhe alcançar a prestigiosa situação que actualmente goza, ocupando um lugar de relevo entre os estabelecimentos e suas conexões. Tendo-se mantido sempre na orbita estrita das transacções bancárias, o Banco Allança conta hoje como um valor de excepcional alcance, confirma-

do pelo inabalável crédito dentro e fora do País. Para se avaliar, ainda que ligeiramente, do seu movimento coligamos do seu relatório, deversas elucidativas, do ano findo, algumas concludentes cifras. Efectuou-se em 1933 descontos na importância de cento e sessenta mil contos e os depô-

sitos realizados no mesmo ano subiram a mais de setecentos mil, dos quais seiscentos a prazo e os restantes à ordem.

No intuito de facilitar maior comodidade aos seus clientes e alargar as suas instalações adquiriu o magnifico prédio da Avenida dos Aliados, 33-41, onde passou a efectuar também as transacções e onde se encontra actualmente a Direcção do Banco.

A Casa Borges & Irmão

Em 7 de Fevereiro de 1884, vão portanto passados cinquenta anos, abriu na rua hoje denominada Sampaio Bruno, tornejando para a de Sá da Bandeira, um pequeno estabelecimento de cambista em que se associaram dois irmãos, Francisco e António Borges.

Iniciaram assim as suas modestas transacções e certamente nem elles próprios visionaram, por melhor que fosse o seu optimismo, o desenvolvimento que ela tomaria constante e progressivamente até se ter tornado, como o é já de há muito, um dos estabelecimentos financeiros mais importantes do País, com decisiva influência na vida económica nacional.

Irradiando a sua acção foi estabelecendo filiais, em Lisboa, na rua de S. João e Praça do Comercio, em Braga, na Praça do Barão de S. Martinho, em Ovar, na rua Elias Garcia, em Matosinhos na rua Brito Capelo e ainda, como as suas relações com o Brasil atingissem sensíveis proporções, estabeleceram em 1903, no Rio de Janeiro, rua da Alfândega, uma outra filial a cuja solene inauguração foi expressamente assiste o sócio Francisco Borges.

A despeito, porém, de todas as propriedades da Casa Borges & Irmão, transformada assim num centro financeiro de justificado relevo, nunca ela perdeu as suas características primitivas. Os seus sóciarios, cujos gabinetes são extremamente acessíveis, recebem com o mesmo simpático acolhimento todos os seus clientes, tanto os que vão tratar de importantes negócios, como os simples alicados que ali vão fazer os seus pequenos depósitos.

Passa hoje de quinhentos o número de empregados da Casa Bancária e suas filiais e são bastantes, e algumas deveras importantes, as empresas industriais, comerciais e agrícolas que ella tem impulsionado e esta relevante obra de conjunto explica — e muito bem — o prestigio da firma Borges & Irmão, cuja sede actual se encontra instalada no esplêndido prédio da rua Sá da Bandeira, mantendo todavia a instalação inicial na esquina da de Sampaio Bruno.



Especto da e a festa no atrio do Palácio da Bolsa

O VINHO DO PORTO

A maior riqueza do comércio exportador

para a defesa da exportação que atravessava os mares infestados de piratas e deve-se-lhe ainda um posto de socorros a naufrágios na margem direita, à entrada da barra e a construção das primeiras estradas do Porto à Foz e ao Pinhão.

Esta companhia que é também conhecida entre nós pela Companhia Velha e no estrangeiro pela Royal Oporto Wine Company desenvolveu, portanto, um papel preponderante no desenvolvimento da cultura das vinhas do Douro e no comércio dos seus produtos, contribuindo eficazmente para o prestígio do Vinho do Porto e assestando em sólidas bases o crédito que para si conquistou, graças ao metucioso cuidado com que trata as suas vinhas e o esmero com que prepara as suas marcas, tanto no que respecta aos vinhos generosos como aos de consumo, destacando-se de entre aqueles as mais famosas novidades a partir de 1815, de que possui o mais valioso e avultado stock.

Companhia Agrícola e Comercial dos Vinhos do Porto

Uma poderosa organização agrícola e comercial representa esta Companhia, sucessora da Casa Ferreirinha, de quasi dois séculos de existência, pois data de 1751 a sua fundação pelos antepassados da veneranda Senhora Dona Antonia Atalvide Ferreira, cuja tradição se conserva indelevel em toda a região duriense onde marcou posição de excepcional relevo mercê das suas altas qualidades de inteligência e de bondade.

O seu invulgar prestígio transmitiu-o aos seus herdeiros que guardam e mantêm a actual Companhia ainda conhecida pela Ferreirinha e que hoje constitui um grande e incontestável valor no importante negócio dos Vinhos do Porto.

Possue actualmente trinta e duas grandes quintas disseminadas pela região demarcada, das quais se destacam a do Vesuvio, ocupando uma área superior a oitocentos hectares e mais de doze quilómetros de perímetro, e a da Vala do Meio, com mais de setecentos hectares e dez quilómetros. A circunstância de ser ela a sua própria fornecedora garante aos seus vinhos colhidos nos mesmos locais e preparados com idênticos cuidados, a conservação inalterável dos seus vários tipos.

A sua produção anual oscila entre um milhão e meio de litros o que lhe permite uma exportação considerável, por isso que vai a todos os Continentes, e um notável abastecimento dos mercados nacionais onde conquistou uma invejável posição.

Os seus vastos armazéns do Douro e de Gaia albergam mais de seis milhões de litros, dispondo ainda de uma massa importante de vinhos engarrafados e autênticos das melhores colheitas a partir de 1815 até 1927.

Justificada, está assim, de sobra, a situação desta Companhia que conseguiu manter, fixados em sólidas bases, o prestígio e o crédito, hoje inabaláveis, da Casa Ferreirinha.

Adriano Ramos Pinto

Dos grandes organismos que conseguiram marcar posições de real destaque no importante comércio de Vinhos do Porto apresentam alguns deles características especiais dignas de particular registo.

Está nestes casos a firma que o antigo negociante da especialidade Adriano Ramos Pinto fundou em Gaia em 1880 e que se foi desenvolvendo progressiva e constantemente até atingir a importância que hoje tem, assente em sólidas bases o prestígio deste nome nos mercados do País e no estrangeiro.

Aliando ao seu instinto de homem de negócios uma esmerada educação artística, um dos seus primeiros cuidados foi tratar da apresentação dos vinhos, até então bastante rudimentar. Modificando completamente as embalagens do vinho engarrafado nada lhe escapou desde a cápsula e o rótulo até as próprias caixas que se apresentavam em madeira toscas e cheias de nós, pouco em harmonia, portanto, com as excelentes qualidades dos vinhos.

Simultaneamente, numa visão clara das necessidades do comércio moderno, dedicou-se à propagação dos seus vinhos, por todos os meios ao seu alcance, nessa época, chegando a ir procurar no estrangeiro as maiores novidades em brindes para oferecer aos seus clientes.

Coroados do melhor êxito foram os seus esforços porquanto passado pouco tempo a sua casa ocupava um lugar de destaque entre os principais exportadores, conquistando os mercados da América do Sul, com primazia do Brasil a quem ficou devendo, em grande parte, o grande impulso dado ao seu negócio que atingiu proporções tais que as medidas das suas exportações para as terras de Santa Cruz, que ainda mantêm, correspondem a mais de metade da nossa exportação total. Correspondendo ao apêço demonstrado nesta República, no ano de 1906 ofereceu à cidade do Rio de Janeiro, ficando colocada no Jardim da Glória, a Fonte Ramos Pinto, um artístico monumento em mármore de Carrara e algum tempo depois uma rica taça de prata a disputar no campeonato de football entre o Rio de Janeiro e S. Paulo.

O triunfo incontestado da Casa Ramos Pinto deve-se ao metucioso cuidado na preparação dos seus vinhos, nos processos comerciais que adopta baseados sempre nos mais modelares princípios de correcção e seriedade e finalmente ao crédito inabalável que conquistou.

Sociedade dos Vinhos Borges & Irmão

Em 1884 foi fundada a firma comercial Borges & Irmão, que se dedicou ao negócio de Vinhos do Porto. Foi seu principal animador Artur Lelo de quem, todos que o conheceram — e são muitos — conservam as mais saudosas recordações, do homem pelas excepcionais qualidades do seu carácter e do comerciante pela inextinguível correcção com que dirigia os seus negócios, conseguindo alcançar para a sua casa comercial o prestígio que tanto influiu para a privilegiada situação que hoje desfruta na primeira fila das organizações congêneres.

Seus filhos que muito novos o auxiliavam na ardua tarefa que se tinha imposto, foram seus hábeis continuadores, tendo impulsionado de

tal forma essa obra que levaram a Casa Borges a representar um valor com que há que contar no comércio de vinhos, nos mercados nacionais de que são dos principais distribuidores e nos estrangeiros a cujos centros mais importantes fazem chegar os seus produtos, sempre acolhidos com a preferência que merecem.

Modelares são as suas instalações que constantemente se têm ampliado, representando hoje 25.000 metros quadrados a área ocupada pelos seus armazéns de Gaia, alguns destinados a



A fonte de Ramos Pinto, no Rio de Janeiro

vinho do Porto, com 3.000 cascos e 24 balseiros de 75 a 100 pipas de capacidade possuindo o maior balseiro do mundo para vinho do Porto, em madeira de carvalho cuja capacidade é de 144.000 litros e outra parte reservada a vinhos de consumo, com grande número de balseiros e 32 cubas de cimento armado, revestidas interiormente de vidro, comportando cerca de 4.000 pipas de vinho. Os armazéns da Regoia, onde se recolhem, depois da vindima os vinhos feitos e beneficiados nas várias adegas do Douro, comportam perto de mil e quinhentas pipas de vinho do Porto e aguardente e nos do Pinhão têm a mesma Sociedade várias cubas de cimento, também vidradas, para a aguardente a distribuir pelas adegas, na devida oportunidade e ainda, em cascos e balseiros cerca de 1.000 pipas de vinho do Porto.

Também a firma Borges & Irmão, possui as esplendidas Quintas do Junco, da Soalheira e da Casa Nova no coração da região durienese que produz os mais finos vinhos de toda esta zona e que ali são primorosamente tratados pelos mais modernos processos. Junte-se a tudo isto uma perfeita organização na secção de engarrafamento e da tanoaria em que é fabricado todo o vinho necessário à sua enorme produção, as centenas de operários empregados nos seus muitos trabalhos e explicado fica o triunfo no comércio de vinhos do Porto, da Sociedade de Vinhos Borges & Irmão, Lda.

A Casa Graham

Entre as firmas inglesas que exercem a sua actividade no comércio portuense destaca-se pela sua antiguidade e volume dos seus negócios a Casa Graham que em Inglaterra se estabeleceu há século e meio e em Portugal há cento e vinte e cinco anos.

Foi efectivamente

em 1774 que se fundou em Glasgow, Escócia, a firma William Graham & Co. (Guilherme Graham & Co.), proprietária de importantes fábricas textéis, junto do rio Clyde. Mais tarde, em 1809, por ocasião das guerras Napoleónicas, William Graham Júnior, com o objectivo de promover entre nós a colocação e venda dos seus produtos, estabeleceu-se em Lisboa, sob razão social «William Graham Júnior & Co.», e decorrido algum tempo seu sobrinho John Graham criou a casa do Porto que inicialmente se denominou John Graham & Co., e mais tarde William & John Graham & Co. que é ainda hoje a firma que no comércio de Vinhos do Porto tem uma situação de relevo, negócio este que começou em 1826 e que durante cem anos esteve conjugado com as demais actividades da mesma firma, mas de que actualmente está separado, embora continue intimas as mútuas relações.

Para se avaliar da sua importância registase que durante os cem anos exportou vinhos do Porto, das mais finas qualidades, em quantidade suficiente para encher cento e vinte milhões de garrafas, ou sejam setenta e cinco milhões de litros.

Os seus vastos armazéns da Quinta do Agro, em Gaia, foram expressamente construídos para aquela firma, tendo o seu corpo principal o espaço suficiente para comportar no mesmo pavimento, cerca de dez mil pipas, dispondo ainda de uma bem apetrechada tanoaria, possuindo na região durienese, perto do Tua, a Quinta dos Malvedos, adquirida em 1890 à família Pinto Basto, e na Régua uma completa organização para armazém de aguardente.

É também digna de especial referência a actividade industrial da mesma firma, entre nós, tendo adquirido em 1880 a Fábrica de Estamparia e Tinturaria de Braço de Prata e feito edificar em 1889 a fábrica de Fiação e Tecidos da Boa Vista, instalação verdadeiramente modelar, assim como adquirindo a Fábrica de Papel da Abelheira, no Tojal. Atingiram estes seus pro-



JOHN GRAHAM
fundador da casa do Porto

duetos tal perfeição que nas exposições realizadas no país têm obtido as melhores classificações e ainda recentemente na Exposição Colonial, onde apresentou uma das melhores instalações, alcançou dois Grandes Prémios e dois diplomas de honra.

A grave questão durienese, arrastando-se havia já longos anos, ameaçava atingir uma acuidade tal que punha em serios riscos de ruína uma das maiores, se não a maior riqueza nacional.

Baldados tinham sido os múltiplos esforços empregados em a resolver, fracassados geralmente pela profunda desorganização tanto de produtores como de exportadores, agravada pelo acatamento de preços do Vinho do Porto nos mercados externos, provocada por desordenada e desleal concorrência que gravemente prejudica as antigas e acreditadas empresas, com avultados capitais investidos neste importante negócio.

O actual Ministro do Comércio, que aqui encontrou valiosas colaborações, resolveu enfrentar o problema procurando resolverlo com a criação de vários organismos incumbidos

de acompanhar o Vinho do Porto desde a produção até sua distribuição pelos respectivos mercados. Foram assim, criadas a Casa do Douro, o Grémio dos Exportadores e o Instituto do Vinho do Porto e ainda, com carácter transitório, a Comissão Abastecedora de Vinhos à cidade do Porto, e apesar do curto espaço de tempo decorrido já começaram a sentir-se os efeitos desta nova organização.

Evidentemente não se poderia ler a pretensão de resolver de pronto todas as dificuldades desde longe amontoadas, mas não é acaturado ratificar que num breve futuro o Vinho do Porto fortificará a sua posição dentro do País e fora dele. Vai nisso o interesse geral, dos cultivadores, negociantes e consumidores e ainda o bom nome e justa prestígio do melhor vinho do mundo inteiro.

O Instituto do Vinho do Porto

CRIDA a Casa do Douro, organização sindical dos lavradores da região durienese, seguiu-se o Grémio de Exportadores que disciplinou a exportação e como remate o Instituto do Vinho do Porto que constitui a indispensável ligação coordenadora dos interesses da lavoura e do comércio.

A este organismo cabe a missão de acompanhar o Vinho do Porto desde que sai das mãos do lavrador até chegar ao seu destino e aqui, ainda, muito tem a fazer em obediência às atribuições que lhe estão cometidas. Tem que estudar conscienciosa e metódicamente os gostos e preferências dos importadores, tão diferentes entre si, realizar, uma inteligente propaganda, principalmente nos mercados estrangeiros, utilizando os mais modernos e eficazes processos, hoje indispensável recurso sobretudo nos grandes centros cosmopolitas e que embora dispendiosa se torna, pelos seus efeitos largamente compensadora.

Está também na sua alçada a orientação do combate as fraudes que tantos prejuízos têm causado à nossa exportação e ainda a expansão do mesmo vinho, aproveitando para esse efeito os organismos já criados ou criando outros onde se torne necessário, colaborar na remodelação eficiente dos tratados e acordos comerciais, passar os certificados de origem e boletins de análise, condicionar a exportação conforme as exigências dos mercados e, enfim, defender por todos os meios ao seu alcance o prestígio do Vinho do Porto.

Tendo adquirido para sua sede o edifício outrora ocupado pelo Banco Comercial que estejam concluídas as obras de adaptação alargará a esfera da sua acção iniciando o estudo das castas de vides que mais convenham e os tratamentos de ampelografia, histologia e enologia. A criação destes organismos de assistência ao Vinho do Porto mereceu à revista técnica de especialidade, de Londres, «The Wine Trade Review», as mais lisonjeiras referências.

O Instituto tem insistentemente recomendado por esse mundo fora, através de artísticos folhetos, redigidos em vários idiomas, ilustrados com expressivas gravuras, que tenham sempre presente:

O coração da região durienese

Armazéns e grancha privada da Casa Ferreirinha



Um dos armazéns da Sociedade dos Vinhos Borges & Irmão

Xadrez

(Solução)

- | | | |
|------------------|-----------------------|------------------------|
| 1. C-5 R
R×C | 2. D×P+
R×C | 3. D-3 R+
Mate |
| 1.
P×P | 2. C×P B D
ad lib. | 3. D+
Mate |
| 1.
P-6 D | 2. D-8 D+
R×C | 3. D×P R
Mate |
| 1. | 2. D×P B R
ad lib. | 3. D+... ou C+
Mate |
- Qualquer outro

Bridge

(Problema)

- Espadas — D, V, 8, 2.
Copas — A, 10.
Oiros — 3.
Paus — — — —

- | | | |
|-----------------|----------|--------------------|
| Espadas — 7, 6. | N | Espadas — 9, 5, 4, |
| Copas — D, 9. | O | 3. |
| Oiros — — — — | E | Copas — V, |
| Paus — 9, 6, 5. | S | Oiros — 10, 7. |

- Espadas — A.
Copas — 8.
Oiros — 6, 5, 4.
Paus — V, 8.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer seis vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o oito de oiros. O corta e joga trunfo que S cobre. Se E se baldar a paus, S joga a dama de espadas e depois dá a mão a E com a carta pequena de oiros. Se E se baldar a oiros, S joga o cinco de espadas e se O não cobrir, E será obrigado a pegar na vasa. Se O cobrir as espadas S enforquillá-lo-á em espadas. Se E se baldar às espadas, S joga a carta pequena de oiros. E cobre e deve deixar a mão para N que fará três vasas em paus.

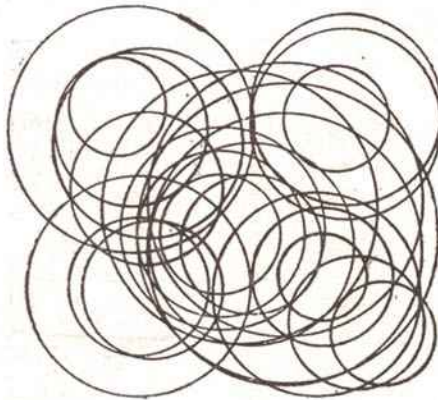
Se, na segunda vasa O jogar umas espadas pequenas S cobre e faz com que N corte uns oiros e jogue, em seguida paus para fazer com que O corte. S fará, a seguir, a sua dama de espadas e o seu dez de trunfo.

Se O jogar o valete de espadas na segunda vasa, N corta e obriga depois O a cortar uns paus. S fará, então, as suas duas espadas e o dez de copas.



Uma embrulhada de círculos

(Problema)

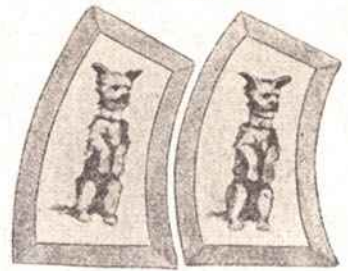


Esta figura, que faz lembrar um enredo inextricável de arames, não é, afinal de contas, outra coisa senão uma grande quantidade de círculos traçados, para aí, *ad libitum*, com o fim exclusivo de pôr à prova a paciência dos leitores que se quiserem dar ao trabalho de descobrir quantos círculos ali se encontram.

Representaremos por *n*, o número deles, entre grandes e pequenos, e acrescentaremos ainda que esse número *n* é superior a uma dúzia, mas que a doze dúzias não chega.

Calculem, portanto, o valor de *n*, com estes elementos.

Ilusão óptica



Qualquer pessoa que olhe para o desenho junto, dirá imediatamente que o cão que ocupa a moldura da esquerda é mais pequeno do que o outro, o que não é exacto. São ambos perfeitamente iguais, como se pode verificar medindo-os. O que dá, pois, está ilusão? É o facto das linhas superior e inferior do quadro que contém a figura, se inclinarem para a direita, o que faz parecer o desenho mais pequeno, quando, medindo-o com o compasso, se pode demonstrar que os dois são absolutamente do mesmo tamanho.

É frequente encontrar nos romances populares frases disparatadas ou absurdas que os autores deixam escapar da pena, levados pela urgência de realizar um trabalho extenuante de que dependem para viver.

Ponson du Terrail, o autor de «Rocamboles» tem exemplares curiosos dêsse género na sua obra. Citaremos alguns dos mais conhecidos.

«Daniel não respondeu; era a primeira vez que falava assim a seu pai».

«O visconde usava jaqueta curta e calças da mesma côr».

«O seu chapéu, esfrangalhado e roto, carecia já de expressão humana».

«O coronel andava dum lado para outro do aposento, com as mãos atrás das costas, lendo o jornal da manhã».

O próprio Vitor Hugo não pôde evitar de fazer «gaffes», em particular quando o arrastava o ardor da eloquência. Certo dia em que discursava, disse em essência o seguinte:

«Cidadãos! Os tiranos hão-de desaparecer da face da Terra. Se o destino me collocasse amanhã em presença dum, a minha atitude estaria de antemão traçada. Como homem livre não me curvaria ante o despotismo. Lançaria mão duma espada, cortaria a minha própria cabeça e arrojando-a ao rosto do tirano, dir-lhe-ia: «Toma, miserável, aqui tens o que faz um homem livre».

Em muitos desertos da África e da Ásia crescem plantas cujas raízes mergulham na terra a profundidades extraordinárias em busca da água de que carecem. Algumas dessas raízes descem a 40 metros e só se ramificam ao atingir a zona líquida. Conhecem-se algumas espécies em que o péso das raízes é mil vezes superior ao do resto da planta.

Giovani Pascoli, poeta doce e melancólico, sabia em muitas ocasiões usar duma ironia cáustica. Certo dia, um rapaz que tinha a mania de escrever poesias tanto insistiu que obteve licença para lhe ler em voz alta um poema da sua autoria. Quando terminou quis saber a opinião do mestre.

- Que lhe parece? — perguntou ansioso.
- Acho que os seus versos — observou Pascoli — têm falta de fôgo...
- Aconselha-me então a que ponha neles mais ardor, mais...
- Nada disso. Aconselho-o a que os meta no lume.

Humor britânico



Ela (esperando um elogio): — Mas, meu anjo, há no mundo uma infinidade de homens mais interessantes do que eu. Porque é que gostas assim tanto de mim?
Ela (com inocente franqueza): — Se queres que te diga, não sei, meu amor.

(De «London Opinion».)

A aparecer:

NOVIDADE LITERÁRIA

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 320 págs. **12\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

3.000.000 DE SENHORAS EMPREGAM ÊSTE PÓ TODAS AS MANHÃS

E' um tónico para a pele — Suprime de vez os narizes luzidios

Há alguns anos um especialista do rosto descobriu que combinando à «mousse de crème», espuma de nata com o pó de arroz, este conservasse todo o dia a despeito do calor, do vento, do tempo chuvoso, banhos do mar e da transpiração provocada pela dança. A «mousse de crème» permitia igualmente ao pó exercer sobre a pele uma acção tonificante.

O seu uso constante suprime rapidamente e para sempre o brilho do nariz. Os defeitos do rosto desapareciam e a pele tornava-se macia, lisa e aveludada como as pétalas da rosa. No Pó Tokalon a «mousse de crème» é misturada cientificamente e em proporções exactas com um pó micelar e dos mais finos. Ele não adere em pastas sobre a pele. 3.000.000 de senhoras



Uma tez brilhante de juventude e de beleza sómente por alguns escudos



empregam este pó todas as manhãs. Em Portugal, França, Espanha e em Itália as senhoras mais lindas e mais «chics» exigem o pó de arroz Tokalon.

Venda em todas as perfumarias

Não encontrando escreva à «Agência Tokalon», 88 Rua da Assunção — LISBOA, que atende sem demora.

SAGRES

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 — 2 4172 — P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

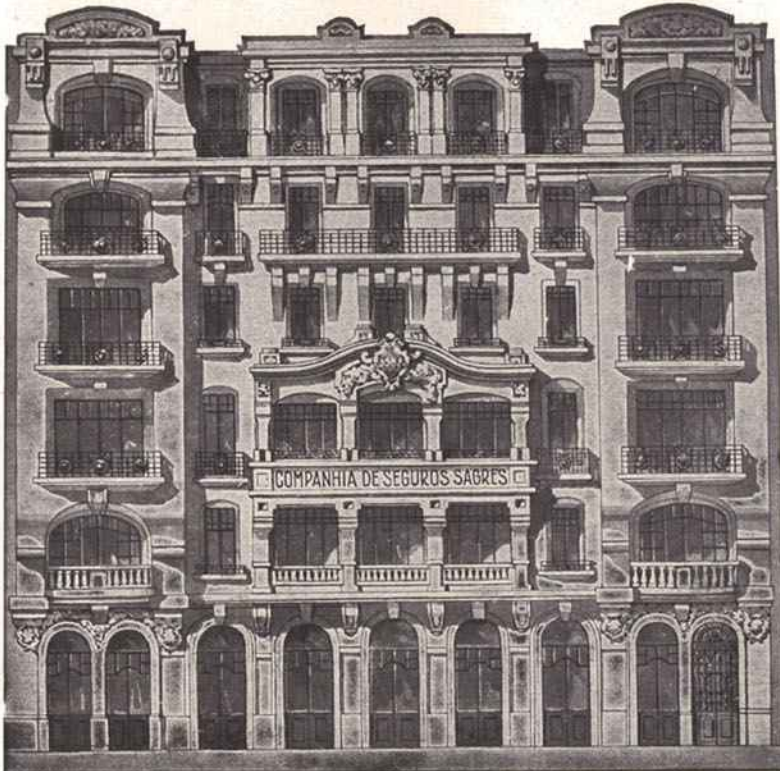
**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS

AUTOMOVEIS E POSTAES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado	14\$00
ESPANHA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado.....	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice: Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones, A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas" na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta</i> — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Acaba de ser posto à venda o

NOVO MANUAL DO ELECTRICISTA

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTO

Engenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola Superior Técnica de Mittweida

Um volume de 430 páginas com 246 gravuras, encadernado em percalina . . . **Esc. 25\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

BREVEMENTE

A nova edição

DA

ALTA RODA

POR

JULIO DANTAS

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

O MESTRE POPULAR

ou

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de BLASCO IBAÑEZ

A adega , tradução de E. Sousa Costa — 1 vol. de 342 págs., brochado	10\$00
A catedral , tradução de Vasco Valdez — 1 vol. de 338 págs., brochado	10\$00
Cortesã de Sagunto , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 332 págs., brochado	10\$00
Por entre laranjeiras , romance, tradução de Morais Rosa — 1 vol. de 90 págs., brochado	10\$00
Flor de Maio , romance, tradução de Joaquim dos Anjos e Mario Salgueiro — 1 vol. de 206 págs., brochado	10\$00
Jesuítas , sensacional romance, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 340 págs., brochado	10\$00
Os mortos mandam , novela, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 324 págs., brochado	10\$00
Oriente , tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 256 págs., brochado	10\$00
No país da Arte , tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 274 págs., brochado	10\$00
Terras malditas , tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 234 págs., brochado	10\$00
Touros de morte , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 384 págs., brochado	10\$00

Estas obras encadernadas em percalina com ferros especiais, cada volume 15\$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado	10\$00
Eurico, o presbítero . (Romance). — 388 páginas, brochado	10\$00
O monge de Cister . (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20\$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado	20\$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). 8 vols., brochado	96\$00
Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado	10\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado	30\$00
Composições várias — 374 páginas, brochado	10\$00
Poesias — 224 páginas, brochado	10\$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado	20\$00
Opúsculos:	
Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado	10\$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem , coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado	12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$00
FÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos á

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OU Á LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- | | | |
|---|---|--|
| <p>1—DA TERRA À LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.</p> <p>2—A RODA DA LUA, 1 vol.</p> <p>3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.</p> <p>AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:</p> <p>4—1.ª parte—<i>Os ingleses no Polo Norte</i>. 1 vol.</p> <p>5—2.ª parte—<i>O deserto de gelo</i>. 1 vol.</p> <p>6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.</p> <p>7—AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES, 1 vol.</p> <p>8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.</p> <p>OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:</p> <p>9—1.ª parte—<i>América do Sul</i>. 1 vol.</p> <p>10—2.ª parte—<i>Austrália Meridional</i>. 1 vol.</p> <p>11—3.ª parte—<i>Oceano Pacífico</i>. 1 vol.</p> <p>VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:</p> <p>12—1.ª parte—<i>O homem das águas</i>. 1 vol.</p> <p>13—2.ª parte—<i>O fundo do mar</i>. 1 vol.</p> <p>A ILHA MISTERIOSA:</p> <p>14—1.ª parte—<i>Os naufragos do ar</i>. 1 vol.</p> <p>15—2.ª parte—<i>O abandonado</i>. 1 vol.</p> <p>16—3.ª parte—<i>O segredo da ilha</i>. 1 vol.</p> <p>MIGUEL STROGOFF:</p> <p>7—1.ª parte—<i>O correio do Czar</i>. 1 vol.</p> <p>8—2.ª parte—<i>A invasão</i>. 1 vol.</p> <p>O PAÍS DAS PELES:</p> <p>9—1.ª parte—<i>O eclipse de 1860</i>. 1 vol.</p> <p>10—2.ª parte—<i>A ilha errante</i>. 1 vol.</p> <p>11—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.</p> <p>2—AS INDIAS NEGRAS, 1 vol.</p> <p>HEITOR SERVADAC:</p> <p>3—1.ª parte—<i>O cataclismo cósmico</i>. 1 vol.</p> <p>4—2.ª parte—<i>Os habitantes do cometa</i>. 1 vol.</p> <p>15—O DOUTOR OX, 1 vol.</p> <p>UM HERÓI DE QUINZE ANOS:</p> <p>16—1.ª parte—<i>A viagem fatal</i>. 1 vol.</p> <p>17—2.ª parte—<i>Na África</i>. 1 vol.</p> | <p>28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.</p> <p>29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.</p> <p>30—ATRIBULAÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.</p> <p>A CASA A VAPOR:</p> <p>31—1.ª parte—<i>A chama errante</i>. 1 vol.</p> <p>32—2.ª parte—<i>A ressuscitada</i>. 1 vol.</p> <p>A JANGADA:</p> <p>33—1.ª parte—<i>O segredo terrível</i>. 1 vol.</p> <p>34—2.ª parte—<i>A justificação</i>. 1 vol.</p> <p>AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:</p> <p>35—1.ª parte—<i>A descoberta da terra</i>. 1.º vol.</p> <p>36—1.ª parte—<i>A descoberta da terra</i>. 2.º vol.</p> <p>37—2.ª parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 1.º vol.</p> <p>38—2.ª parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 2.º vol.</p> <p>39—3.ª parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 1.º vol.</p> <p>40—3.ª parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 2.º vol.</p> <p>41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.</p> <p>42—O RAIO VERDE, 1 vol.</p> <p>KERABAN, O CABEÇUDO:</p> <p>43—1.ª parte—<i>De Constantinopla a Scutari</i>.</p> <p>44—2.ª parte—<i>O regresso</i>. 1 vol.</p> <p>45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.</p> <p>46—OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO, 1 vol.</p> <p>MATIAS SANDORFF:</p> <p>47—1.ª parte—<i>O pombo correio</i>. 1 vol.</p> <p>48—2.ª parte—<i>Cabo Matifoux</i>. 1 vol.</p> <p>49—3.ª parte—<i>O passado e o presente</i>. 1 vol.</p> <p>50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.</p> <p>51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.</p> <p>52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.</p> <p>NORTE CONTRA SUL:</p> <p>53—1.ª parte—<i>O ódio de Texar</i>. 1 vol.</p> <p>54—2.ª parte—<i>Justical</i>. 1 vol.</p> | <p>55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.</p> <p>DOIS ANOS DE FÉRIAS:</p> <p>56—1.ª parte—<i>A escuna perdida</i>. 1 vol.</p> <p>57—2.ª parte—<i>A colónia infantil</i>. 1 vol.</p> <p>FAMÍLIA SEM NOME:</p> <p>58—1.ª parte—<i>Os filhos do traidor</i>. 1 vol.</p> <p>59—2.ª parte—<i>O padre Joan</i>. 1 vol.</p> <p>60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.</p> <p>CÉSAR CASCABEL:</p> <p>61—1.ª parte—<i>A despedida do novo continente</i>. 1 vol.</p> <p>62—2.ª parte—<i>A chegada ao velho mundo</i>. 1 vol.</p> <p>A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:</p> <p>63—1.ª parte—<i>A procura dos naufragos</i>. 1 vol.</p> <p>64—2.ª parte—<i>Deus dispõe</i>. 1 vol.</p> <p>65—O CASTELO DOS CARPATHOS. 1 vol.</p> <p>66—EM FRENTE DA BANDEIRA</p> <p>A ILHA DE HÉLICE:</p> <p>67—1.ª parte—<i>A cidade dos biliões</i>. 1 vol.</p> <p>68—2.ª parte—<i>Distúrbios no Pacífico</i>. 1 vol.</p> <p>69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.</p> <p>A ESFINGE DOS GÉLOS:</p> <p>70—1.ª parte—<i>Viagens aos mares austrais</i>. 1 vol.</p> <p>71—2.ª parte—<i>Lutas de marinheiro</i>. 1 vol.</p> <p>72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.</p> <p>O SOBERBO ORENOÇO:</p> <p>73—1.ª parte—<i>O filho do coronel</i>. 1 vol.</p> <p>74—2.ª parte—<i>O coronel de Kermor</i>. 1 vol.</p> <p>75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.</p> <p>76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN. 1.º vol.</p> <p>77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN. 2.º vol.</p> <p>78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.</p> <p>79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.</p> |
|---|---|--|

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

Para conservar uma boa saúde, tome Ovomaltine



PARA dar e manter uma boa saúde nada há como a deliciosa Ovomaltine. Esta completa e perfeita bebida tônica alimentar, contém em proporções correctas, numa forma concentrada, todos os elementos nutritivos essenciais para a formação do organismo, cerebro e nervos.

Durante a estação quente a Ovomaltine tomada a frio é essencialmente necessaria, mas não o é menos durante os meses de inverno em que preparada a quente se torna a mais agradável e reconfortante bebida alimentar.

A Ovomaltine é cientificamente preparada com malte suíço da melhor qualidade, leite e ovos frescos. Ao contrario das imitações, não contém assucar vulgar para lhe aumentar o volume reduzindo-lhe o preço.

A Ovomaltine tem uma percentagem de 100% de alimentos nutritivos e considerando a sua superior qualidade, é a bebida tônica alimentar mais barata que se pode comprar.

Há só uma Ovomaltine, nada há que a substitua.

À venda em todas as farmácias, drogarías e boas mercearias em embalagens de 1 lata, $\frac{1}{2}$ lata e $\frac{1}{4}$ de lata, respectivamente a 34\$00, 18\$00 e 9\$50

DR. A. WANDER S. A. Berne
UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL
ALVES & C.ª (IRMÃOS)
RUA DOS CORREIROS. 41-2.ª - LISBOA